

Paula Nohanna Macedo Guimarães

**MULHERES E TATUAGEM: discursos sobre tatuagem feminina em grupos públicos
do Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos**

Uberlândia

2022

Paula Nohanna Macedo Guimarães

MULHERES E TATUAGEM: discursos sobre tatuagem feminina em grupos públicos do Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga.

Uberlândia

2022

Paula Nohanna Macedo Guimarães

**MULHERES E TATUAGEM: discursos sobre tatuagem feminina em grupos públicos
do Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga.

Banca Examinadora

Uberlândia, _____ de _____ de 2022.

Prof. Dra. Tatiana Benevides Magalhães Braga
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dra. Marciana Gonçalves Farinha
Universidade Federal de Uberlândia

Msc. Andrey Lucas Macedo Correa

Uberlândia

2022

“À minha mãe, Maria Miranda (in memoriam), que mesmo ausente fisicamente, se fez presente em cada passo desta trajetória.

*À minha filha Sol, por iluminar minha vida
e ser a maior motivação para que
eu pudesse concluir este ciclo.*

A todas as mulheres que não desistem da luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente minha mãe Maria Miranda, que não se encontra mais presente fisicamente, mas cujo legado me permitiu ser a mulher, mãe e pessoa que sou. Foi ela que em meio a tantas dificuldades me ensinou os valores que carrego e que me tornaram uma mulher independente e livre. Nascida na zona rural no interior de Goiás, como muitas mulheres de sua época e classe social não conseguiu acessar mais que os anos iniciais do ensino fundamental. Mudou-se para Uberlândia para que o destino dos filhos fosse diferente, para que eles pudessem concretizar seu sonho de estudar em uma Universidade Federal. Nós conseguimos mãe... E esta vitória mais do que nossa é sua!

À minha filha Sol Macedo, pessoa mais importante da minha vida e que mais me ensina. Desde que chegou em minha vida é ela quem me convida a um exercício diário de amor e aprendizagem. Agradeço pelo fato de mesmo tão pequena compreender minhas ausências durante esta trajetória e sempre me receber de braços abertos depois de dias exaustivos de aulas, estágios e tantos outros compromissos acadêmicos. Obrigada filha. Mamãe te ama muito!

Ao meu irmão Brunner Macedo, meu primeiro grande amigo e minha maior inspiração para que eu pudesse ingressar em um ensino superior. Ele me ensinou através do seu exemplo que mesmo vindo de uma realidade desprivilegiada era possível alcançar voos mais altos através da Educação. Obrigada, por me ajudar a ampliar os horizontes e as possibilidades da minha própria existência, mano.

Ao meu companheiro Marco Aurélio que me apoiou e fortaleceu durante todo esse processo final da graduação, compreendendo minhas ausências, respeitando meus limites e, acima de tudo, cuidando de nossa filha durante essas ausências. Obrigada, por ser esse companheiro, parceiro, amigo e pai incrível que você é.

À Professora Dra. Tatiana Benevides, por aceitar o desafio de me orientar nesta pesquisa e por contribuir de forma significativa para minha formação pessoal e profissional durante toda a graduação. E mais do que isso, obrigada por cuidar e não desistir de mim mesmo em meio a tantas dificuldades que vivi neste final de graduação.

À Prof. Dra. Marciana Gonçalves e ao Ms. Andrey Macedo por aceitarem participar desta banca e contribuírem com esse momento tão especial da minha vida e da minha formação.

Às amigas e amigos incríveis que fiz ao longo desses anos de graduação. Em especial ao querido amigo Osmar Rosa, pela amizade, pelo cuidado, pelo carinho, pelos conselhos, pelas riquíssimas trocas e pelas incessantes risadas e choros compartilhados durante esta trajetória. Obrigada por ser este amigo que prometeu segurar minha mão até o final e assim o fez não me deixando desistir. Às queridas amigas, Lara Arantes, Fernanda Manicardi (Nanda) e Amanda Cabral por serem meu refúgio e respiro dentro e fora da Universidade. Obrigada “manas”, pelas trocas, pelo afeto e por me permitirem empoderar junto com vocês.

Às pessoas pobres e excluídas deste país, que mesmo negligenciadas, humilhadas e oprimidas pelo poder público, são as principais responsáveis pela manutenção de uma educação pública, gratuita e de qualidade da qual tive o privilégio de desfrutar.

Às políticas de ações afirmativas e de incentivo à permanência de estudantes de baixa renda nas universidades. Se não fossem tais políticas, certamente eu não estaria aqui para dizer: **MUITO OBRIGADO A TODAS VOCÊS!**

Epílogo

Enquanto tatuadora e mulher tatuada espero que este estudo possa abrir horizontes para que outras pessoas possam se interessar pelo tema. Para além de contribuir para ampliar meus conhecimentos acerca do universo da tatuagem, desenvolver esta pesquisa me permitiu revistar minha própria história e refletir sobre minha trajetória enquanto mulher, mulher tatuada e tatuadora. O diálogo interno construído neste percurso me fez revisitar também a história de muitas outras “manas”, com as quais compartilhei experiências, trocas e aprendizagens e afetos. A questão está posta, nossos corpos não! A menos que isso seja da nossa vontade e com nosso consentimento.

Resumo

No desenvolvimento histórico da inserção da tatuagem no meio social, estruturaram-se processos de estigmatização voltados sobretudo à tatuagem feminina, que passam por processos de transformação na contemporaneidade. Nesse contexto, o presente estudo investigou a produção de discursos sobre a tatuagem feminina produzidos por mulheres em grupos públicos na rede social Facebook. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, tendo como fontes de dados as postagens do ano de 2021 realizadas em um grupo público com grande número de membros, exclusivo para mulheres que tivessem a tatuagem feminina como temática. Na metodologia, realizou-se uma primeira leitura para conhecimento do material e identificação dos elementos mais relevantes para os objetivos do trabalho. Dado o conteúdo encontrado, as postagens foram divididas em três categorias: tatuagem e construção identitária; tatuagem como elemento estético; e tatuagem e preconceito. Como resultados, foram encontrados sentidos de reafirmação dos papéis tradicionais e de afirmação de autonomia e independência no campo da construção identitária; sentidos de ornamentação o corpo, afirmação da sensualidade e cobertura de cicatrizes e marcas indesejadas na dimensão estética e preocupações aligadas à aceitação da família e inserção no mercado de trabalho no que se refere à associação entre tatuagem e preconceito. Foram também mais relatadas experiências de preconceito entre pessoas multituadas, que têm tatuagem na face ou tatuagens consideradas ‘não profissionais’, nem como entre negras. Conclui-se pela ambiguidade da simbolização do fenômeno da tatuagem entre mulheres no contexto contemporâneo, que por vezes figura como recurso de promoção da autonomia e por vezes como expressão e reprodução dos elementos simbólicos tradicionais de gênero. Sugere-se a realização de novos estudos para ampliar as informações sobre a representação da tatuagem em grupos específicos de mulheres, como moradoras de zonas rurais e de periferias urbanas.

Palavras-chave: Tatuagem. Mulheres. Identidade. Autonomia. Preconceito.

Abstract

In the historical development of the insertion of tattoos in the social environment, a process of stigmatization focused mainly on female tattoos was structured, which undergo transformation processes in contemporary times. In this context, the present study investigated the production of discourses on female tattoos produced by women in public groups on the social network Facebook. To this end, a qualitative research was carried out, having as data sources the posts of the year 2021 carried out in a public group with a large number of members, exclusively for women who had the female tattoo as a theme. In the methodology, a first reading was carried out to get to know the material and identify the most relevant elements for the objectives of the work. Given the content found, the posts were divided into three categories: tattoo and identity construction; tattoo as an aesthetic element; and tattoo and prejudice. As a result, meanings of reaffirmation of traditional roles and affirmation of autonomy and independence in the field of identity construction were found; meanings of ornamentation of the body, affirmation of sensuality and coverage of scars and unwanted marks in the static dimension and concerns related to family acceptance and insertion in the job market with regard to the association between tattoo and prejudice. Experiences of prejudice were also more reported among people with multiple tattoos, who have tattoos on their face or tattoos considered 'non-professional', nor among black people. It is concluded by the ambiguity of the symbolization of the tattoo phenomenon among women in the contemporary context, which sometimes appears as a resource for promoting autonomy and sometimes as an expression and reproduction of traditional symbolic elements of gender. It is suggested that further studies be carried out to expand information on the representation of tattoos in specific groups of women, such as residents of rural areas and urban outskirts.

Keywords: Tattoo. Women. Identity. Autonomy. Preconception.

“A tatuagem é uma representação visual de algo interno do homem, uma maneira de seu consciente manifestar-se, simbolicamente, no meio externo. O artista, que é o tatuador, vai capturar as questões conscientes e inconscientes da pessoa, e irá transmitir esta mensagem através do desenho” (Marques, 1997, p. 56)

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2 Método	21
3 Resultados e Discussão	24
3.1 Tatuagem e construção identitária	24
3.2 Tatuagem como elemento estético	34
3.3 Tatuagem e preconceito	44
4 Considerações Finais	56
5 Referências	59

1 Introdução

Registros arqueológicos apontam que a prática de ornamentar o corpo introduzindo pigmentos na pele é tão antiga quanto a própria história da humanidade e surgiu em regiões distintas do globo de forma independente (Ramos, 2001). Destes registros, o mais antigo é a múmia Ötzi, conhecida como “Homens do Gelo”, encontrada no continente europeu e com datação estimada em 5.300 a.C. e que possui mais de 60 tatuagens em regiões distintas do corpo (Eckert & Leitão, 2004; Lise, Gauer, & Neto, 2013).

Os significados atribuídos às tatuagens variavam de uma cultura para outra. Segundo Hambley (1925), inicialmente os povos ditos primitivos se tatuavam para marcar fatos da sua vida biológica, como o nascimento, a puberdade, a reprodução e a morte; e para relatar fatos da vida social, como tornar-se um guerreiro, um sacerdote, um rei, casar-se; celebrar a vida; identificar prisioneiros; pedir proteção e garantir a vida do espírito depois da morte.

Entre gregos e romanos, a tatuagem não era considerada uma prática respeitável, sendo utilizada para marcar escravos e criminosos (Goffman, 1993). Em latim, esta prática era denominada “*stigma*”, termo utilizado para se referir a “marcações realizadas sobre a pele por motivo de desgraça ou desaprovação” (Boneti, 2012, p. 2). Na Idade Média, a Igreja passou a proibir o uso de tatuagem, associando-o ao paganismo e ao satanismo. No entanto, textos antigos indicam que tatuar o corpo era uma prática comum entre os primeiros cristãos, que imprimiam na pele símbolos religiosos como demonstração de sua fé. (Boneti, 2012).

Após ser proibida pela Igreja, a tatuagem retorna à Europa Ocidental apenas no século XVIII, por intermédio do capitão James Cook, um marinheiro que durante viagem pelas ilhas do Pacífico, entre os anos de 1789 e 1795, observou que a tatuagem fazia parte da cultura de grupos distintos. Foi Cook quem introduziu a palavra *tattoo* à língua inglesa – uma derivação das palavras taitianas e samoanas “ta-tah” e “tah-tah-tow”, que significam: “ferida, desenho batido” (Krakow, 1994; Caruchet, 1995).

Com a chegada da tatuagem aos portos da Europa, a prática se tornou comum entre marinheiros, soldados de guerra, prisioneiros e prostitutas (Eckert & Leitão, 2004). A partir de então, a tatuagem passou a ser associada à marginalidade, alcançando especial importância nos ambientes dos cárceres, onde ficou popularmente conhecida como a “flor do presídio” (Grogard, 1992). Segundo Pérez (2006), “a passagem por esse tipo de universo social fez com que a tatuagem começasse a ser identificada como marca de marginalidade”.

Até o final do século XIX as tatuagens eram feitas artesanalmente, com ferramentas manuais rudimentares, em um processo doloroso e demorado. Em 1891, Samuel O’Reilly criou a primeira máquina de tatuar, tornando o processo mais rápido e menos doloroso. Neste período, surgem as primeiras “lojas de tatuagem” dos Estados Unidos (EUA), que vendiam desenhos prontos que podiam ser copiados para a pele sem exigir muitas habilidades artísticas dos tatuadores (Caruchet, 1995). Tal modernização do processo de tatuar e a criação de lojas específicas contribuiu para a popularização da tatuagem, que passou ser vista como algo “exótico” (Mifflin, 2013), o que se intensificou com a exposição de pessoas completamente tatuadas como atração em circos, parques de diversões e feiras. Segundo Schiffmacher e Riemschneide (1996), no final dos anos de 1920, mais de 300 pessoas com corpos totalmente tatuados trabalhavam em circos dos Estados Unidos. As apresentações realizadas por mulheres eram as que mais atraíam e chamavam a atenção do público (Mifflin, 2013).

Embora a tatuagem ressurgja em ambientes tipicamente masculinos e a história enfatize apenas figuras de homens tatuados, as mulheres tiveram importante contribuição em sua história, como analisa Margot Mifflin (2013). Segundo a autora, apesar de a mulher tatuada ter sido sempre estigmatizada ao longo da história, com associações do corpo feminino tatuado à prostituição, à criminalidade e a práticas satânicas, desde o final do século XIX já existiam mulheres que se apresentavam em circos profissionalmente em circos, parques e feiras e que lutavam em prol da desestigmatização do corpo feminino tatuado. Nora

Hildebrandt¹, La Belle Irène² e Betty Broadbent³ foram pioneiras ao trabalhar profissionalmente como artistas de circo, enquanto outras se destacaram como tatuadoras profissionais e ativistas, como Jacci Gresham⁴ e Maud Wagner⁵, empenhadas na luta contra o preconceito dirigido a mulheres tatuadas e ao exercício desta prática por mulheres. Segundo Mifflin (2013), para além da rebeldia, essas mulheres buscavam uma maneira de mostrar possibilidades de associação da afirmação da própria identidade e das próprias escolhas ao feminino. Embora algumas delas trabalhassem e fossem tatuadas pelos maridos e outras se apresentassem em circos por questões de sobrevivência, todas imprimiam em seus corpos uma maneira de demonstrar que eram donas deles e de seus destinos.

Nas décadas de 1940 e 1950, as modelos pin-ups⁶ também passaram a aderir à prática da tatuagem, num processo cultural de associação desta prática à sensualidade feminina. Aquelas que tinham maior quantidade de tatuagens pelo corpo eram chamadas de “atomic ladies” (mulheres atômicas, em tradução livre). Seguindo a tendência da moda, algumas “senhoras de família” também passam a se tatuar, contudo, nesses casos, o desenho era sempre feito em locais não visíveis aos olhos alheios (Mifflin, 2013).

¹ Nora Hildebrandt (1850-1893) foi a primeira mulher tatuada a trabalhar profissionalmente em circos. Filha de um tatuador alemão (Martin Hildebrandt) tinha mais de 364 tatuagens pelo corpo e, em sua biografia ficcional dizia ter sido tatuada por índios, contudo suas tatuagens foram feitas por seu pai. (Mifflin, 2013).

² Irene Woodward, conhecida como “La Belle Irene”, foi uma das mais populares atrizes circenses do final do século XIX e início do século XX. Foi tatuada por profissionais renomados como Samuel O’Riley. Tornou-se tão popular que, em 1882, o The New York Times publicou um artigo sobre sua vida. (Mifflin, 2013)

³ Betty Broadbent foi uma das primeiras mulheres a ter seu corpo completamente tatuado (com exceção do rosto). Passou 40 anos de sua vida se dedicando ao circo. Gostava de se exibir suas mais de 465 tatuagens e de ser fotografada. Em 1937, participou do concurso de televisão Word Exposition; e, em 1981, foi entrou para o Hall da Fama das Tatuagens (Mifflin, 2013).

⁴ Jacci Gresham é considerada uma das primeiras tatuadoras negras do ocidente. Abriu seu próprio estúdio, em 1976, por discordar do namorado, que era tatuador e não tatuava mulheres por não ser bem recepcionado pela sociedade. Até a década de 1990 Jacci era a única tatuadora negra dos EUA e, atualmente, mais de 70% de sua clientela é formada por mulheres. É reconhecida como uma das mais famosas artistas do ramo. (Mifflin, 2013).

⁵ Maud Wagner (1877-1961) foi a primeira tatuadora reconhecida nos EUA. Junto com o marido e a filha, que também eram tatuadores, levou a tatuagem para o interior dos EUA. Atuou ativamente em prol da desestigmatização da tatuagem para mulheres, encarando a tatuagem como uma forma de atitude e empoderamento feminino. (Mifflin, 2013).

⁶ *Pin-up* é uma designação em inglês que se refere a modelos que pousavam para fotografias sensuais entre os anos de 1940 e 1950. Estas imagens eram reproduzidas e vendidas, geralmente, na forma de pôsteres.

Nos anos de 1960 e 1970, “tribos urbanas” (roqueiros, motoqueiros, hippies, punks e skin heads) adotaram a tatuagem como símbolo de subversão, de contestação das normas e padrões vigentes. A ideia era usar a tatuagem para se colocar voluntariamente “às margens da sociedade”, como forma de protesto ao sistema vigente, às normas impostas e à “moral” instituída. (Berbet, 2018; Le Breton 2004; Pérez, 2006).

Nos anos de 1980 e 1990 artistas e pessoas famosas passam a aderir à tatuagem. Segundo Eckert e Leitão (2004), a apropriação deste novo “estilo” por artistas contribuiu para uma ampliação dos significados acerca da tatuagem e para uma maior aceitação social desta prática. Foi neste período também que começaram a surgir as primeiras lojas exclusivas de tatuagem com equipamentos especializados e materiais descartáveis, havendo também a profissionalização dos tatuadores e o melhoramento das técnicas. A partir de então a tatuagem começou a abandonar o seu status de marginalidade. Revistas, programas de televisão, galerias de arte e museus passam a explorar o conceito de “tattoo-art”, em que a pele se torna a tela (Berbert, 2018). Há então uma ressignificação do conceito de tatuagem dentro do conceito de “body art”, definida como uma vertente da arte contemporânea em que o corpo é utilizado como espaço de manifestação e produção de sentidos (Manfrin, 2013). Assim, a “nova” arte que antes habitava corpos marginalizados passou a habitar diferentes corpos, de indivíduos de diferentes nichos, classes sociais e gêneros (Le Breton, 2004; Sabino & Luz, 2006).

No Brasil este processo deu-se de forma mais lenta devido à dificuldade de acesso as novas tecnologias ou, mais precisamente, à máquina elétrica de tatuar (Pérez, 2006). A introdução deste tipo de tecnologia no país ocorreu por intermédio de tatuadores estrangeiros que migraram para o país durante os anos de 1950, dentre os quais destaca-se o dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, conhecido como Tattoo Lucky (Marques, 1997).

Tal qual em outros lugares do mundo, a tatuagem chega ao Brasil e ganha adeptos inicialmente entre as classes marginalizadas. Chega, portanto, estigmatizada como “marca da marginalidade” (Pérez, 2006). Embora não fosse uma prática criminalizada, ter uma tatuagem podia ser motivo para ser abordado pela polícia e, em algumas situações, de detenção para averiguação (Ghizoni, 2016). Nas décadas de 1980 e 1990 artistas e celebridades brasileiros também começam a aderir à prática da tatuagem. Um exemplo é o surfista José Arthur Machado (ou Petit, como era chamado), cujo dragão tatuado no braço virou tema de “Menino do Rio”, divulgado em música, filme e novela. Foi nesse período também que começaram a surgir os primeiros estúdios de tatuagem no país, como o Tatoon You, do italiano Marcos Leone, responsável por introduzir novas técnicas e materiais de tatuagem com qualidade profissional no país. (Souza, 2018).

Contudo, embora a alguns pesquisadores considerem que as décadas de 1980 e 1990 tenham sido um período de lapidação de processos técnicos ligados tatuagem, a epidemia da AIDS que assolou o mundo neste período jogou a tatuagem ainda mais “às margens da sociedade” (Ghizoni, 2016). A descoberta da possibilidade de transmissão do vírus HIV por meio de agulhas fez com que outro estigma em torno desta prática fosse criado: a possibilidade de que pessoas tatuadas estivessem contaminadas pelo temido vírus. Alguns tatuadores pensaram em desistir da profissão por medo de se contaminar (Ibidem, 2016) e grupos de extrema direita aviltaram a proposta de que pessoas vivendo com HIV fossem tatuadas na testa para serem identificadas a fim de evitar uma possível transmissão do vírus (Le Breton, 2004).

No ano de 1990 aconteceu, em São Paulo, a Primeira Convenção Internacional de Tatuagem do Brasil. Embora os estigmas criados em torno da tatuagem ainda não tivessem sido superados, durante esta década houve um aumento significativo da prática de tatuagem no país (Marques, 1997). Um dos fatores que contribuiu para esta expansão das tatuagens no

país foi o processo de globalização da economia e da informação, que facilitou o acesso da população a informações sobre o mundo da tatuagem e de tatuadores a instrumentos modernos e de qualidade (Ghizoni, 2016). Nesse contexto surgiram as primeiras lojas exclusivas de tatuagem no país, com materiais descartáveis, portfólios etc. A ideia era imprimir uma imagem de profissionalismo, higiene e qualidade artística, a fim de se ganhar a confiança de clientes e reverter a imagem negativa criada em torno da tatuagem (Pérez, 2006). Assim, o estigma de marginalidade associado à tatuagem vai se atenuando paulatinamente, tanto em outros países quanto no Brasil (Marques, 1997).

Estudos apontam que nos últimos trinta anos o número de pessoas tatuadas vem aumentando significativamente. Segundo pesquisa realizada pelo instituto alemão Dalia (2018), atualmente, cerca de 38% da população mundial tem algum tipo de tatuagem no corpo. Italianos, suecos e norte-americanos são os mais adeptos a este tipo de prática corporal. O Brasil ocupa a nona posição neste ranking, com 37% da sua população tatuada. Um estudo realizado pela Revista Super Interessante (2014), que contou com a participação de mais de 80 mil pessoas e com o mapeamento 150 mil tatuagens, demonstrou que 59,9% das pessoas tatuadas no Brasil são mulheres e, dentre essas, 48,2% têm entre 19 e 25 anos, 43,5% tem ou está cursando um curso superior; 31,2% não tem religião.

Para alguns autores, o aumento significativo do número de pessoas tatuadas se deve principalmente à influência da mídia, que tornou a tatuagem um produto estético ligado ao consumo (Almeida, 2000; Pérez, 2006). Contudo, outros pesquisadores argumentam que reduzir o uso da tatuagem a meros artifícios da aparência, é uma visão muito simplista, visto que as práticas passadas e presentes refutam este tipo de interpretação, apontando para compromissos ideológicos mais profundos relacionados ao ato de tatuar e à tatuagem (Benson, 2000, Almeida, 2001; Ferreira, 2008; Le Breton, 2004). Nesse sentido, diferentemente de funções sociais do passado, como a marca de estigmatização entre os

gregos ou as tatuagens rituais ligadas aos lugares sociais ou marcos da história de vida entre os povos da antiguidade, a tatuagem desponta, no contexto contemporâneo, como elemento de construção identitária em meio à emergência da cultura de massas.

Para Ferreira (2008), para além de uma perseguição obstinada pelo bem-estar físico, a marcação do corpo reflete também uma “perseguição obstinada pelo bem-estar identitário, no sentido de alcançar uma consistência subjetiva entre ser e parecer, de produzir uma expressão imagética subjetivamente autêntica e genuína” (p. 117). Corroborando com esta ideia, Almeida (2000), afirma que o corpo tatuado não é simplesmente um corpo adornado, a pele não constitui mera “arena gráfica de uma subjetividade que se faz valer enquanto pura estetização” (138); literalmente invadida, a epiderme absorve um projeto que vai além dela própria, passando a fazer parte da permanente apresentação e representação social do self do sujeito tatuado (Ferreira, 2008).

É nesse sentido que Benson (2000), Ferreira (2008) e Le Breton (2004) afirmam que o ato de tatuar circunscreve uma intencionalidade altamente investida de significados construída pelo indivíduo que opta por tatuar seu corpo. Sobre essa questão, Ferreira (2008) comenta que “a tatuagem é uma estratégia de reconvocação identitária [...], que vem construir, a nível simbólico, importantes recursos de produção e expressão de uma identidade que começa por se pretender ‘autêntica’” (p. 119). Corroborando com esta ideia, Benson (2000) argumenta que, contemporaneamente, na gênese da tatuagem existe um projeto de individuação, isto é, de expressão do indivíduo enquanto pessoa autônoma e única. Para Le Breton (2004), a tatuagem é uma maneira de o indivíduo “escrever na carne os momentos chaves da existência” (p. 9). Por esse motivo que podemos falar de uma subjetividade implícita na tatuagem, na medida em que fatores internos são mobilizados para a sua realização (Almeida, 2001; Benson 2000; Ferreira, 2008; Le Breton, 2004).

Todavia, o processo de constituição de novas significações para a tatuagem como marca identitária, estética ou de consumo não significa o completo abandono da estigmatização que historicamente associou a tatuagem à marginalidade e, no caso das mulheres, à prostituição. Embora o preconceito contra pessoas tatuadas tenha reduzido nos últimos anos, alguns grupos específicos ainda sofrem mais preconceito e discriminação do que outros, dentro os quais destacam-se mulheres (Schlösser et al., 2020) e pessoas multitatuadas, ou seja, que têm tatuagens grandes e em locais visíveis do corpo ou grandes extensões do corpo tatuada (Gomes; 2018; Rossi, 2011).

Para Mifflin (2013) a própria história da tatuagem possui um viés machista, visto que a representação das mulheres tatuadas foi associada à prostituição, à criminalidade, a práticas satânicas e a uma “sexualidade subversiva”. Swami e Furnham (2007), ao investigar a percepção social de estudantes sobre mulheres tatuadas, verificaram que essas mulheres são vistas pelos alunos como menos atraentes, mais promíscuas sexualmente e mais suscetíveis ao consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas. As avaliações negativas foram proporcionais ao número de tatuagens que essas mulheres tinham.

Bourdieu (2003), demonstra como as formas de dominação e controle exercidas sobre as mulheres possuem raízes históricas e culturais tão profundas que, as próprias mulheres, que são vítimas deste processo de dominação, não se dão conta de que seus direitos estão sendo violados e de que estão sendo vítimas de “violência simbólica”. Para Bourdieu, as diferenças culturais entre os gêneros masculino e feminino estão inscritas em seus corpos segundo a noção de “*habitus*”, uma espécie de lei incorporada pela sociedade sem qualquer tipo de questionamento. A força simbólica que a sociedade exerce sobre o indivíduo exerce também e, sobretudo, sobre seus corpos, principalmente, sobre os corpos femininos em que esses mecanismos de controle e dominação são mais contundentes.

Para Sabino (2000), Pérez (2006), Swami e Furnham (2007), Schlösser et al. (2020), o aprofundamento do preconceito em relação às mulheres está relacionado ao processo da construção dos corpos dentro da perspectiva binária de gênero que, ao definir funções, papéis e estereótipos em relação àquilo que é masculino e ao que é feminino, criou mecanismos de controle e dominação sobre esses corpos – principalmente sobre o corpo feminino. Nessa perspectiva, a tatuagem feminina subverteria o controle sobre o corpo da mulher, trazendo uma marca de afirmação identitária oposta ao corpo submisso. A associação à prostituição seria, assim, articulada pela via da subversão ao lugar da mulher: do mesmo modo que mulheres que reivindicam a posição de sujeitos do próprio desejo são associadas à prostituição enquanto prática subversiva, mulheres tatuadas seriam subversivas por reivindicarem a posse de seus corpos.

No contexto dos espaços de produção identitária contemporânea, as Redes Sociais Virtuais (RSV), como o Facebook, o Instagram, o LinkedIn dentre outros, ganharam um espaço importante na produção cultural, na construção de discursos sociais e na interação entre pessoas, tornando-se também um importante elemento do processo de globalização (Costa, 2018). Nesses espaços a tatuagem se apresenta ora como elemento estético, ora como arte corporal, ora como marca de resistência, ora como marca estigmatizante. Essas diferentes formas representacionais da tatuagem nas RSV estão relacionadas a diferentes percepções em torno desse tipo de modificação corporal (Le Breton, 2004). Muitas igrejas, por exemplo, ainda associam a prática da tatuagem ao pecado. Contudo, na maioria das situações a tatuagem aparece nesses espaços associada à estética corporal, já que as RSV além de se tornarem um dos meios de comunicação mais utilizados na contemporaneidade, se tornou uma espécie de vitrine virtual em que os usuários buscam se projetar através da aparência (Rinaldi, 2017). A maioria dos usuários dessas redes é jovem, coincidindo com o grupo etário mais adepto à tatuagem – o que torna a visibilidade deste tipo de modificação corporal ainda

maior nesses espaços. Para Rinaldi (2017, p. 14), “as redes sociais se tornaram vitrines de estilo de uma sensação de autenticidade” – sensação essa também compartilhada por pessoas tatuadas (Ferreira, 2008; Le Breton, 2004).

Dentre essas RSV destaca-se o Facebook, uma das primeiras plataformas digitais nesse formato a se consolidar a nível mundial e que atualmente possui 2,94 bilhões de usuários ativos mensais, o que o torna a rede social de maior engajamento⁷. A ferramenta permite a criação de páginas pessoais e comerciais, grupos públicos e privados, fóruns de discussão, enquetes, compartilhamento de mensagens, imagens, vídeos, dentre outras formas comunicação e interação entre usuários (Costa, 2018). Outra vantagem do Facebook em relação às outras Redes Sociais é que nem todas as plataformas têm essas funcionalidades: o Instagram, por exemplo, não permite a criação de grupos públicos e privados, que são páginas criadas por usuários (“administradores”), com o objetivo de agregar pessoas (“membros”), que têm algum tipo de proximidade (ex. grupo de amigos, grupo de trabalho etc.) ou algum tipo de interesse em comum sobre determinado tema (ex. grupos de pessoas tatuadas, grupo de mulheres tatuadas etc.). Esses grupos permitem o compartilhamento de informações, conhecimentos, opiniões etc., que podem ser feitos na forma de postagens na “feed”⁸ do grupo ou de comentários.

Tanto as formas de relação que se estabelecem nessas Redes quanto os conteúdos publicados têm se constituído em importantes objetos de estudo para pesquisadores (Almeida, 2019a; Magalhães & Maropô, 2016; Magalhães, Maropô, Amaral, 2018; e outros) de diferentes áreas do conhecimento que têm se utilizado dessas Redes para “coleta de dados, divulgação de resultados de pesquisas e, até mesmo, como termômetro de receptividade de

⁷ Termo utilizado no marketing digital para se referir à movimentação de uma página pessoal ou comercial, site, blog, Redes Sociais e outros tipos de plataformas. Este “engajamento” é medido pelo número de visitas à página, de compartilhamentos, de comentários, número de “likes” etc.

⁸ Feed (do inglês, “alimentação”): página de apresentação de um grupo ou conta pessoal onde são inseridas as principais postagens. Em grupos abertos os membros podem contribuir para “alimentação” do feed, com conteúdos, notícias, enquetes, fotografias, vídeos, perguntas, comentários etc.

temas, uma vez que é possível coletar dados divulgados na rede, observar comportamentos sociais, estabelecer diálogo com os membros da amostra e estabelecer contatos individuais com entrevistados” (Costa, 2016, p. 16). Dentre os métodos utilizados estão: métodos digitais e softwares, análise de redes sociais focada no estudo das relações sociais virtuais, análise do discurso mediada pelo computador, netnografia e entrevistas (Magalhães & Maropô, 2016). Desta forma, estudos que contemplem este tipo de plataforma, que vem se consolidando como mais um canal de comunicação e interação entre usuários da Web, tornam-se necessários e oportunos.

O contexto de uma visualização das identidades pessoais como é o caso das Redes Sociais Virtuais traz à tona a publicização e politização dos modos de vida, sendo um campo importante para a discussão de preconceitos e para as afirmações identitárias no contexto contemporâneo. Nesse sentido, a publicização da tatuagem feminina nas Redes Sociais Virtuais representa um fenômeno social de reformulação dos usos, imagens e discursos sobre o corpo tradicionalmente ligados à tatuagem feminina, já que expõem um corpo feminino historicamente encoberto e uma marca corporal tradicionalmente alvo de exclusão. Compreender esse fenômeno pode contribuir para a análise das produções contemporâneas do discurso junto a eventos e contextos ligados ao preconceito e às diferentes formas de dominação simbólica, como é o caso da dominação de gênero.

Levando-se em consideração esses fatores e a questão da mulher no contexto da tatuagem, a presente pesquisa objetivou investigar a produção de discursos sobre mulheres tatuadas e tatuagens femininas em grupos públicos da rede social Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos. O estudo aqui proposto, além de ser relevante para uma melhor compreensão sobre o fenômeno contemporâneo da tatuagem, é também uma forma de dar voz e visibilidade a mulheres que têm tatuagem, visto que, muitas vezes, estas mulheres são silenciadas ou invisibilizadas dentro da sociedade, ainda influenciada por dispositivos de

controle dos corpos promovidos por grupos e instituições. Nesse sentido, a consideração de gênero na construção das interpretações identitárias sobre a tatuagem pode contribuir para uma análise dos aspectos a serem considerados em diferentes práticas culturais, sociais, educacionais e de saúde, entre outras. A visibilidade do assunto também ajuda a criar formas de combater o preconceito, legitimar as falas das pessoas que vivenciam a situação, e mostrar os significados da tatuagem do ponto de vista de seus usuários. Para além de seu significado enquanto arte corporal (Le Breton, 2004), o tema se torna relevante para a Psicologia na medida em que a prática da tatuagem é também uma prática de produção identitária e subjetiva. Trata-se de um fenômeno que ao mesmo tempo em que fala de uma apropriação do próprio corpo pelo sujeito, conta parte da sua história (Ferreira, 2008; Le Breton, 2004; Almeida, 2001).

2 Método

A presente pesquisa possui o objetivo de investigar a produção de discursos sobre mulheres tatuadas e tatuagens femininas em grupos públicos na rede social Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos. Para tanto, adota metodologia de caráter qualitativo e busca refletir sobre os significados atribuídos ao fenômeno levando em consideração os aspectos psicossociais implicados nesta significação. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa ocupa-se do nível subjetivo e relacional da realidade social, considerando a história pessoal do sujeito, o universo no qual está inserido, suas crenças, motivações, valores etc.

Os dados analisados na presente pesquisa foram coletados no grupo público “Mulheres Tatuadas” da rede social Facebook. O rastreamento dos grupos foi feito por meio do recurso de “busca” (lupa) da própria rede social, sendo empregados os descritores “mulheres tatuadas” e “mulheres” e “tatuagens” em conjunto, para localizar grupos que abordassem especificamente o tema da tatuagem feminina. Tendo sido encontrados 13 grupos com o nome “Mulheres Tatuadas”, sendo 05 públicos e 08 privados, foram selecionados apenas os grupos públicos, tanto pelo objetivo do tratamento de informações públicas quanto pelo objetivo de identificar discursos elaborados como expressão pública no contexto social.

Foram critérios de inclusão: ser público; ser formado exclusivamente por mulheres; abordar a temática da mulher tatuada; ter mais de 50 seguidores; ter publicações de seguidores e não apenas de administradores; ter publicações no ano de 2022. Foram critérios de exclusão: grupos privados; com menos de 50 seguidores; que não tinham publicações de seguidores após o ano de 2022; ou que só tinham publicações de administradores ou publicidades. Tais critérios buscaram identificar campos de expressão específicos sobre a tatuagem feminina que formassem um discurso social aberto a todos, com alguma relevância em termos de troca

social garantida pelo número de membros e pela presença de publicações de vários indivíduos e com produções atuais de conteúdo. Dois grupos foram excluídos por ter menos de 20 membros e não ter publicações de seguidores e outros dois grupos foram excluídos por não terem publicações recentes, observando-se inatividade do grupo desde o ano de 2021. Após a aplicação desses critérios, restou apenas um grupo.

O grupo selecionado foi criado em 08 de abril de 2021 e teve seu nome original, “Tatuagens Femininas”, alterado para “Mulheres Tatuadas”, em abril de 2022. A administração do grupo é feita por 05 administradores (criadores da página) e 09 moderadores (pessoas que auxiliam os administradores a fiscalizar se as postagens). Até a data final da coleta de dados o grupo contava com 214,340 mil pessoas como membros, todas mulheres, segundo os critérios de seleção do próprio grupo. Devido à grande quantidade de membros, o grupo possui um alto fluxo de informações, com média de 35 novas postagens por dia (segundo dados informados pelo próprio Facebook na página do grupo), além e centenas de comentários diários. Além disso, considera-se relevante o número de membros do grupo, já que estima-se que 38% da população brasileira tem tatuagem (Dalia, 2018) e deste total 59,9% são mulheres (Revista Super Interessante, 2013). Assim, as 214 mil mulheres do grupo representariam quase 0,5% da população feminina tatuada no Brasil.

Para fins deste trabalho, foram selecionadas apenas publicações e comentários de membros, sendo excluídos dados referentes a publicações repostadas de outros grupos, “memes” (publicações com teor cômico) e conteúdos publicitários. O material foi coletado entre os dias 15 de abril de 2022 e 15 de maio de 2022, tendo sido analisado o conteúdo apresentado no *feed* do grupo durante esse período, observando-se as publicações e comentários referentes ao ano de 2022. Ao final foram selecionados 53 publicações e 87 comentários de diferentes seguidoras do grupo, cujos nomes e outras informações veiculadas às redes sociais foram suprimidos a fim de se preservar a identidade das autoras dos

conteúdos analisados. Para fins de análise não foram feitas distinções entre publicações e comentários, sendo todo conteúdo selecionado considerado expressão dos discursos sobre tatuagem feminina.

Os dados coletados foram analisados através do método da análise de conteúdo, do tipo categorial ou temática, proposta por Minayo (2014). Este método consiste “em descobrir os núcleos de sentido [unidades temáticas] que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (Ibidem, p. 209), e organizá-los em categorias de análise. Para tanto, foram obedecidas as seguintes etapas: seleção das publicações a serem analisadas; leitura minuciosa e sistemática do material coletado; mapeamento dos núcleos de sentido [unidades temáticas] implícitos nas publicações; organização dos dados em categorias; análise dos dados.

A partir dos dados coletados foi possível extrair três categorias de análise, a saber: (a) tatuagem e construção identitária, em que foram consideradas publicações nas quais a tatuagem é relacionada a valores, modos de pensar e comportar-se que sua portadora quer expressar; (b) tatuagem como elemento estético, em que foram consideradas publicações em que a tatuagem aparece como recurso para ornamentar o corpo, valorizar a beleza e a sensualidade e ocultar marcas e imperfeições percebidas por suas portadoras em seus corpos; (c) tatuagem e preconceito, em que foram consideradas publicações cujos conteúdos apontam para a existência de preconceito contra mulheres tatuadas. Tais categorias foram analisadas identificando-se os principais temas e significados apresentados em diálogo com autores que os abordassem a partir dos aspectos psicossociais envolvidos com cada elemento presente nos conteúdos publicados. Assim, a análise buscou, por meio de uma articulação entre conteúdos e aspectos relevantes do contexto social, construir um panorama de compreensão do contexto de expressão das mulheres sobre suas tatuagens.

3 Resultados e discussão

3.1 Tatuagem e construção identitária

Na categoria que relaciona tatuagem e construção identitária, foram consideradas publicações nas quais a tatuagem é relacionada a valores, modos de pensar e comportar-se que sua portadora quer expressar. Nesse contexto, podemos encontrar duas vertentes principais: tatuagens que reafirmam papéis tradicionais da mulher, cujos elementos apontam referências religiosas ou nomes de companheiros amorosos ou filhos, associando a mulher aos papéis de esposa e mãe; na segunda vertente, encontram-se tatuagens que expressam a valorização da autonomia e da independência, cujos elementos apontam para a busca de uma identidade que deseja ser autêntica e para o empoderamento feminino.

No campo da reafirmação dos papéis tradicionais da mulher, as publicações sobre tatuagens religiosas apresentaram frases, citações ou imagens religiosas com e sem legendas. Quase a totalidade dessas tatuagens fizeram referência à fé cristã, com apenas duas exceções: a imagem de um olho de Hórus, com a legenda, “afasta o mau olhado”, numa referência mística e a imagem de dois tridentes cruzados com a frase “eu não ando só” e legenda, “A minha primeira tattoo foi em homenagem aos meus guardiões” – uma referência a Exu e Pomba Gira, entidades cultuadas nas religiões de matriz africana.

Considerando a grande maioria de tatuagens religiosas correspondentes à fé cristã, encontramos imagens sem legenda e frases. No campo das imagens sem legenda, foi onipresente a representação de Nossa Senhora em suas várias vertentes: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, etc. Não foram encontradas tatuagens com imagens de santos e, apenas uma postagem representava a imagem de Jesus Cristo. Tais achados parecem

apontar para a busca de figuras femininas na identificação religiosa e ao mesmo tempo reafirmam no campo religioso papéis femininos relacionados ao cuidado.

Esses dados corroboram com os resultados do estudo realizado por Doughergh e Koch (2019), que analisaram 752 fotografias de tatuagens de alunos de uma escola dos Estados Unidos e verificaram que as mulheres tendem a tatuar imagens religiosas relacionadas ao universo feminino, como santas católicas, deusas hindus, Maria (mãe de Jesus) etc. Um estudo realizado por Morello, Sanchez, Moreno, Engelmann e Evangel (2021), com mulheres tatuadas de um “colégio confessional” de orientação católica dos Estados Unidos, concluiu que as estudantes se apropriam da prática da tatuagem como arte corporal para expressar suas experiências e ideias religiosas e espirituais. Nas palavras destes autores “as mulheres usam tatuagens para expressar suas vidas interiores”, no que tange a sua religiosidade e espiritualidade. Para o teólogo Della-Dea (2022), para além de manifestar um sentimento de religiosidade, as tatuagens religiosas também expressam um desejo inconsciente do indivíduo de se conectar a um Poder Superior que para ele dá sentido à sua existência. Nesses termos, “ela [a tatuagem] confere, mediante uma interpretação própria do símbolo religioso, uma possibilidade de significação individual do símbolo que funciona ao mesmo tempo como síntese pessoal e como possibilidade de sentido interior” (Della-Dea, 2022, p. 57).

Além disso, cabe uma observação sobre a representação feminina em torno de Nossa Senhora. Pilosu (1995) considera três arquétipos femininos religiosos veiculados historicamente entre igrejas de orientação cristã: a figura de Eva, associada à mulher pecadora, desobediente e responsável por despertar os “desejos da carne” nos homens; a imagem de Maria, mãe de Jesus, associada à maternidade, à moralidade, à submissão e à subserviência – exemplo de mulher a ser seguido na visão de tais doutrinas; e Maria Madalena, figura associada à mulher pecadora arrependida. Nesse sentido, podemos considerar que a tatuagem de Nossa Senhora aponta também para a representação de uma

imagem feminina voltada à maternidade e ao papel tradicional da mulher enquanto casta, esposa e mãe. Assim, uma hipótese aqui levantada é que, a escolha de imagens representativas do universo religioso feminino pode estar relacionada a necessidade dessas mulheres de encontrarem figuras de identificação do feminino dentro de suas religiões. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que essas mulheres buscam reafirmar sua “identidade feminina” através dessas figuras, que são tidas como exemplos de modelo ideal de mulher. É preciso enfatizar que esta associação reforça estereótipos e reafirma papéis tradicionais atribuídos às mulheres dentro da sociedade.

Entre os textos escritos referentes à religião, encontramos citações da Bíblia, tais como “Tudo posso naquele que me fortalece”, “Guia-me como a menina dos teus olhos” e “Livrai-nos de todo mal...”, ou ainda frases de afirmação da fé, como “Deus é fiel!” e “Abençoada por Deus”. Não foram encontradas frases e citações de crenças religiosas ou espirituais não cristãs. Nota-se que as citações escolhidas em geral procuram descrever alguma proteção ao portador da tatuagem ou a afirmação de ser protegido pela fé. Essa proteção espiritual expressa ou buscada por meio da tatuagem também foi verificada nos estudos de Gel (1993), Gomes (2013) e Osório (2006) – o que nos leva a inferir que em algumas situações as tatuagem com representações ligadas à proteção adquirem função de “amuletos” para suas portadoras. Para Gell (1993) as “tatuagens de proteção” funcionam para o indivíduo tatuado como uma espécie de armadura protetiva contra fatores externos; e, ao mesmo tempo, num nível mais elevado, como componente constitutivo do self, visto este tipo de tatuagem também ser uma forma de expressão de fé e/ou religiosidade: “protege e constitui a pessoa” (Osório, 2006).

É preciso considerar também que tanto a Igreja católica quanto as Igrejas protestantes sempre buscaram formas discursivas para estabelecer o controle sobre o corpo, a sexualidade e a vida das mulheres, criando regras, normas e valores artificiais que, incorporados pela

cultura como algo natural (por exemplo, restringir a sexualidade feminina à função reprodutiva.), acabam por passarem despercebidos até mesmo pelas mulheres que são as principais vítimas desse sistema (Bourdieu, 2003). Isso nos leva a supor que a escolha por uma tatuagem religiosa também possa estar relacionada a uma tentativa dessas mulheres de não serem julgadas pelo seu grupo social ou religioso e, ao mesmo tempo, realizarem algo que desejam – visão esta compartilhada por Dalla-Dea (2017). Assim, caso alguém da família, do grupo social ou religioso questione a tatuagem é possível se defender com argumentos também religiosos, como, por exemplo, professar a fé, gratidão por uma graça alcançada, promessa etc.

Ao se referir à tatuagem religiosa na contemporaneidade, Dalla-Dea (2017, p. 63) pontua que: em “uma sociedade que se manifesta mais com ícones do que com palavras e discursos, as tatuagens religiosas são formas poderosas de expressão”. Para este pesquisador, tais produções manifestam-se como “bandeira hasteada” mostrando que a religiosidade é um valor importante para aquela pessoa. É neste sentido que podemos dizer que as imagens, frases e palavras de cunho religioso estampadas nos corpos das mulheres cujas publicações serviram de base para este estudo, são expressões de aspectos identitários e subjetivos de suas portadoras. A escolha significativa da fé cristã como tema para tatuagens, ao mesmo tempo que afirma a demonstração da fé e da religiosidade através do corpo, representa também a afirmação das crenças e valores tradicionais, na medida que a religiosidade cristã participou historicamente da estruturação colonial e patriarcal da sociedade brasileira.

Essa significativa ausência de postagens de religiões não cristãs, tais como religiões afro brasileiras e budistas, em uma comunidade virtual aberta seguida por 213,3 mil pessoas, pode apontar para o maior preconceito religioso vivido por essas populações que, no caso de redes sociais implicaria dois momentos de exposição e potencial retaliação: fazer a tatuagem, expressando publicamente e permanentemente a afirmação de uma fé religiosa não

hegemônica; e publicar a tatuagem em um grupo com diversas afirmações religiosas da corrente hegemônica e ser vítima de preconceito. Como lembra Fernandes (2017), o preconceito e a intolerância religiosa no Brasil possuem raízes históricas e culturais, que se assentam na constituição do catolicismo como religião dominante em detrimento daquelas relacionadas a populações excluídas ou escravizadas, como negros e indígenas. As repressões às religiões de matriz africana, por exemplo, se iniciaram no período escravocrata, momento em que o país era dominado pela Igreja Católica, incluindo não apenas a demonização de suas divindades, mas também considerando seus rituais infrações penais graves. Tais repressões serviram de base para o preconceito e a intolerância contra essas religiões, ainda hoje presentes na sociedade e manifestas sob as formas de “desrespeito, demonização de suas divindades cultuadas, agressões físicas, verbais e atentados ao espaço físico dos templos, dentre outras formas de violência” (Fernandes, 2017, p. 116).

No caso das religiões de matrizes africanas, este preconceito está intrinsecamente relacionado ao preconceito racial, tendo em vista a própria origem da religião e o fato de a maioria de seus praticantes serem homens e mulheres negras (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2012). Segundo levantamento realizado pelo Eixo Benguela e coletivo de promoção da diversidade racial da Ogilvy Brasil, com base nos dados abertos no canal de denúncias “Disque 100” referentes segundo ao semestre de 2020, 62% dos boletins de ocorrência ligados a crimes de intolerância religiosa foram registrados por pretos e pardos e 37% são relacionados ao candomblé ou umbanda. Na internet a maioria dessas manifestações de intolerância é estimulada por notícias ou situações envolvendo violência, ataques e crimes; que combinadas ao preconceito racial e ao clima polarizado das redes, fortalecem o ciclo de violência nesses espaços virtuais e, também, fora deles (Eixo Benguela & Ogilvy Brasil, 2021); como no caso da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, assassinada em 2014, aos 33 anos, por um grupo de pessoas que a confundiu com uma criminosa acusada

de sequestrar crianças para rituais de magia “negra” (Rossi, 2014) – termo que por si só já carrega o preconceito implícito nestes tipos de publicações –, cujo retrato falado foi divulgado em um grupo do Facebook.

Diversos pesquisadores (Barros, 2014; Carvalho, 2016; Quadrado & Ferreira, 2020) advertem que este ciclo de violência – não só não só em relação à religião, mas, também, em relação a gênero, raças, etnias etc. – têm aumentado muito nos últimos anos nas redes sociais. Para esses pesquisadores, o alto poder de alcance da informação em um tempo extremamente reduzido e a falta de legislações rígidas de controle para crimes cibernéticos acabam tornando estes espaços virtuais terrenos férteis para disseminação de notícias falsas, propagação de discursos de ódio, crimes de injúria, calúnia, difamação, assédio, ameaça, dentre outros.

Assim, não desconsiderando o fato de o número de pessoas que não professam da fé cristã ser menor do que aqueles que seguem religiões com essa orientação (IBGE, 2012)⁹, o que poderia justificar o reduzido número de publicações relacionadas a religiões não cristãs no investigado; é preciso considerar também que o medo de julgamentos, retaliações e outras formas de violências podem também estar relacionado a essa baixa representatividade.

Já as tatuagens que fazem referência a pessoas significativas na vida da mulher tatuada, em geral, incluem nome dos filhos ou de um companheiro. Da mesma forma, a representação do lugar materno, expresso em tatuagens com o nome dos filhos ou que representem a maternidade (ex. imagem de leoa com filhotes) também remetem ao lugar designado às mulheres ao longo da história: a de cuidadora, educadora e responsável afetiva pelos filhos (Ariès, 1981). Essa responsabilidade afetiva foi quem deu origem ao “mito do amor materno”, termo cunhado por Elisabeth Bandinter (1985). Para a autora, este amor impingido às mulheres em relação aos seus filhos é uma construção histórica e cultural, assim

⁹ Segundo dados do último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2010, o Brasil possui 89,7% cristãos, entre católicos (65,5%), evangélicos (22,2%) e espíritas (2%) e de outras religiões (2,3%). (IBGE, 2012).

como os demais aspectos da feminilidade. Correia (2019) adverte que foi somente a partir do século XVIII que surgiram as primeiras publicações recomendando que as mulheres cuidassem e amamentassem pessoalmente seus filhos – o que reforça o argumento de Bandinter sobre a construção social em torno do amor materno.

Assim, tatuar a pele com o nome dos filhos seria uma forma destas mulheres demonstrarem este amor incondicional à sua prole, bem como o sentido desta relação enquanto algo permanente, duradouro e “eterno”. Isso é claramente observado em situações de tatuagens de homenagens póstumas, como pode ser verificado nesta postagem de uma seguidora: “Mais uma delicada pra homenagear minha estrelinha, Paloma Caroliny, que está no Céu... Em meu coração ela está viva eternamente. Filha te amo até o céu, cuida da Mamãe. Tá doendo muito, sinto sua falta, dói dói dói”. Nessas situações a tatuagem seria uma forma de demonstrar a magnitude e atemporalidade deste amor através do corpo. Para Corso e Corso (2014) essa atitude seria uma forma de essas mulheres consolidarem o vínculo com seus filhos. Neste tipo de situação “a tatuagem permite uma dupla operação: o falecido não será esquecido, mas, como está na pele, a cabeça pode se ocupar de outras coisas” (p. 140). Nesses casos observa-se uma tentativa de ressignificação da morte, que “dói”, através da tatuagem, que também é um processo doloroso, mas permanente.

Em relação às tatuagens com o nome de parceiros amorosos (maridos, namorados etc.) observa-se uma intencionalidade dessas mulheres de demonstrarem seu amor a um outro como algo verdadeiro e duradouro. Nestes tipos de atitudes, há uma entrega não apenas sentimental desse indivíduo a esse outro, mas também do próprio corpo, que passa a carregar consigo uma marca que, para além do nome transcrito na pele, estabelece uma relação de posse/propriedade sobre esse corpo, visto que essa seria também uma forma de dizer a esse outro: “eu sou sua, este corpo é seu”. Nesses casos observa-se uma desapropriação do próprio corpo em detrimento de um outro. Assim, este tipo de tatuagem não deve ser apenas ser

interpretada como uma “declaração de amor”, mas como uma marca que demarca, porque nela estaria implícita, mesmo que inconsciente, essa relação de posse.

É nesse sentido que podemos falar que a tatuagem com o nome de parceiros ou ex-parceiros amorosos reforça não apenas os papéis tradicionais das mulheres dentro da sociedade patriarcal – neste caso, de esposa fiel, amorosa e “propriedade” do marido –, mas, também, os comportamentos sociais em relação ao corpo das mulheres, que sempre foram subjugados a mecanismos de controle e dominação por parte dos homens, da Igreja e do Estado. (Bourdieu, 2003).

Na maioria das situações observa-se um arrependimento dessas mulheres em relação a este tipo de tatuagem, como pode ser verificado na postagem desta seguidora: “Fiz essa para cobrir o nome do meu ex. Maior arrependimento da minha vida”. O medo do arrependimento é algo comum entre pessoas tatuadas. Em um estudo realizado por Schlösser (2018), o arrependimento foi o principal motivo citado pelos participantes como elemento negativo associado à tatuagem, embora poucos de fato dizem se arrepender. Dos 39 participantes da pesquisa apenas 7 disseram se arrepender da tatuagem que fizeram em função do local do corpo e de problemas com o desenho; contudo, o medo de arrependimento futuro se manifestou fortemente no discurso dos entrevistados – o que também foi observado no estudo Leitão (2004). Para este autor, para que não haja arrependimento é essencial que a representação expressa por meio da tatuagem tenha uma significação para o indivíduo que agregue fatores internos e externos, ou seja, é necessário esses fatores estejam em consonância com a arte produzida sobre a pele (Ibidem, 2004). Partindo deste princípio, pode-se inferir que no caso de mulheres que se arrependem por tatuarem o nome de seus ex-companheiros, há uma cisão entre o interno, o “eu apaixonado”, e o externo, o “objeto amado”, que se dá com o fim do relacionamento. É nesse sentido que Sepúlveda (2017) afirma que: “a construção da identidade é um processo constante em face das nossas

experiências vivenciadas, nesse sentido, a tatuagem tem a função de imprimir na pele essas constantes construções do eu” (p. 94).

Em relação á tatuagem enquanto expressão de autonomia e de independência, pode se perceber que, para algumas mulheres, fazer uma tatuagem é muitas vezes entendido como uma espécie de ritual de passagem, um marco de transitoriedade entre uma fase e outra da vida, como pode ser verificado neste trecho: “Meu presente para mim de aniversário de 18 anos: ‘Livre para fazer minhas próprias escolhas!’”.

Na maioria dos casos a tatuagem é feita na adolescência ou na juventude (Macedo & Almeida, 2019), fases da vida fortemente marcadas por crises de autonomia e independência (Erikson, 1972). Para Osório (2006), por trás da sedução que a tatuagem exerce sobre adolescentes e jovens, parece haver um processo de “marcação social” sobre o corpo de autonomia pessoal, que vem sendo tratado na literatura como “posse de si”, conceito que remete à emergência de um processo de individuação, em que “a tatuagem surge como um signo de prova pessoal (e social) de força e coragem ou como epíteto de uma rebelião silenciosa contra instâncias de controle do indivíduo, sobretudo a família” (p. 86). Isso justifica o fato de muitas mulheres descreverem a experiência da tatuagem como um ato de “coragem” e algo “libertador” – atitudes intrinsecamente relacionadas a essa busca por autonomia e independência.

Esta demonstração de autonomia e independência por meio da tatuagem também é verificada em publicações cujos elementos apontam para o empoderamento feminino, como verificado na postagem desta seguidora: “Depois que eu fiz minhas tattoos eu passei a me sentir muito mais confiante em mim mesma, com meu corpo e com minha sexualidade. Tatuagem é isso, é expressão de liberdade, é PODER, poder de decidir sobre os nossos corpos, nossas escolhas e nossas ações”. Outras evidências dessa associação entre tatuagem e autonomia e independência foram verificadas em frases [ex. “Dona de mim!”], imagens [mão

com punho fechado] e símbolos feministas [ex. espelho de Vênus] tatuados no corpo dessas mulheres.

O empoderamento feminino surge com a expansão do movimento feminista no final do século XX, contra as formas de dominação e controle exercidas sobre as mulheres ao longo da história (Bourdieu, 2003). As mulheres, aos poucos vêm se unindo e conquistando seus espaços e locais de fala, na luta pela igualdade e equidade entre os gêneros dentro de uma sociedade patriarcal e machista, como lembra Almeida (2017). Para a autora, muitas dessas tatuagens carregam símbolos de empoderamento em suas ilustrações, tornando a tatuagem uma forma de autoafirmação e identidade própria; e, ao mesmo tempo, um elemento de “performance social”, que se dá quando o corpo tatuado passa “a ser um lugar de enunciação e de escritura de si, tratando-se de um território político, produtor de vínculos sociais e afetos” (Almeida, 2017, p. 12). Nesse sentido o empoderamento se apresenta enquanto expressão de uma identidade que se opõe às regras historicamente instituídas sobre o corpo feminino, o que justifica a utilização da frase, “Meu corpo minhas regras”, verificada em algumas postagens. Nessa perspectiva, a tatuagem feminina além de transcrição na pele sobre um posicionamento ideológico em torno da questão feminina, torna-se uma atitude concreta frente a este enfrentamento ao subverter a lógica em torno do controle sobre o corpo das mulheres, trazendo uma marca de afirmação identitária oposta ao corpo submisso.

Em outras situações a tatuagem se relaciona ao empoderamento feminino, enquanto consequência: algumas mulheres se sentem mais empoderadas após fazerem tatuagem. Diversos estudos (Almeida, 2017; Lima, 2017; Weimer, 2016) apontam que a maioria das mulheres se sentem mais “autoconfiantes”, “seguras de si”, “livre para tomar decisões”; “livre para fazer escolhas”, “mais corajosas”, “mais poderosas”, após fazerem tatuagem. Nesses casos a tatuagem se apresenta como elemento promotor de autonomia, autoconfiança e independência – fatores intrinsecamente relacionados ao empoderamento feminino. No estudo

realizado por Weimer (2016) sobre o tema, verificou-se que a tatuagem ajudou as mulheres a aumentar a capacidade de se sentirem influentes em processos determinantes de suas vidas. Assim, a hipótese presentemente levantada é que, após fazerem a tatuagem e vivenciarem a experiência de autonomia e independência através da marca estampada no corpo, essas mulheres se sentem mais “confiantes”, “encorajadas” e “livres” para tomar decisões e fazer escolhas em outras áreas de sua vida que antes dependiam da avaliação e aprovação de um outro ou da sociedade.

3.2 Tatuagem como elemento estético

Na categoria que aborda o uso da tatuagem como elemento estético foram consideradas publicações em que a tatuagem aparece como recurso para ornamentar o corpo, valorizar a beleza e a sensualidade e ocultar marcas e imperfeições no corpo, percebidas por suas portadoras. A partir dessas publicações foi possível identificar duas vertentes principais que associam o uso da tatuagem a questões estéticas. Na primeira vertente, a tatuagem aparece como integrativa de uma nova estética corporal, cujos elementos estão associados à valorização da beleza corporal e da sensualidade. Na segunda, como recurso para ocultar cicatrizes e marcas indesejadas percebidas pelas mulheres em seus corpos.

Em relação a primeira vertente, é importante considerar que, na maioria das publicações, observou-se uma intencionalidade das mulheres de demonstrar aos demais membros do grupo sua tatuagem como algo bonito, do qual gostam e que compõe sua estética corporal. Tais publicações, em sua maioria, são fotografias de tatuagens sem legendas ou com legendas curtas que associam esse tipo de marcação corporal à beleza, como verificado nesta publicação: "Tatuada e linda"; "Mulheres tatuadas são lindas"; "Depois que fiz minhas tatuagens passei a me sentir mais bonita". Os comentários dessas publicações também são

curtos e reforçam o senso estético atribuído à tatuagem e à sua portadora: “*Linda!*”; “*Arrasou...*”; “*Maravilhosa*”.

Como já comentado, a tatuagem ganha status de elemento estético somente após os anos de 2000 com a exposição massiva de artistas tatuados pela mídia. Até meados da década de 1990, o que se via era uma associação da tatuagem à criminalidade ou como símbolo de subversão e protesto (Le Breton, 2004). A partir de então há uma massificação do uso da tatuagem ligada a uma nova estética corporal e ao mercado da moda, que passa a ver este tipo de marca corporal como algo “bonito”, “sensual”, “estiloso”, “*fashion*”. Como verificado por Rinaldi (2017), nas últimas duas décadas, a internet e, principalmente, as Redes Sociais Virtuais potencializaram ainda mais a divulgação deste uso. Tais Redes possibilitaram a criação de grupos, fóruns de discussões, canais, páginas pessoais e comerciais, que culminaram em maior capacidade de comunicação, divulgação, e comercialização do uso da tatuagem.

Sobre esta questão dois fatores devem ser considerados. O primeiro diz respeito ao fato de as redes sociais serem formadas majoritariamente por adolescentes e jovens (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021) que, por sua vez, estão em processo de construção de uma identidade que, em tese, deseja ser autêntica (Erikson, 1972; Ferreira, 2008). E o segundo diz respeito à super valorização da estetização dos corpos através da virtualização da aparência – e, não obstante, da própria existência. Em outras palavras, pode-se dizer que as redes sociais tornaram-se uma espécie de vitrine virtual em que existir coexiste com a ideia de existir em uma “realidade” virtual paralela.

Esses fatores apontam para uma forte influência da mídia e das redes sociais nos processos de subjetivação e formação da identidade desses indivíduos, na medida em que acabam por influenciar suas formas de pensar, de ser e estar no mundo e, conseqüentemente, em seus processos de decisão e escolha, tanto em relação à tatuagem quando em relação a

outros aspectos da vida. Para alguns autores (Almeida, 2000; Pérez, 2006, Rinaldi, 2017), esses fatores fizeram com que a tatuagem deixasse de ser uma marca de individualização de uma identidade, para se tornar objeto de consumo de homogeneização da “massa”.

Contudo, como afirmam alguns autores (Almeida, 2001; Benson, 2000, Ferreira, 2008; Le Breton, 2004) esta é uma visão muito simplista em relação à tatuagem, visto que experiências passadas e presentes refutam este tipo de interpretação apontando para compromissos ideológicos mais profundos relacionados à tatuagem. Como pontuam Ferreira (2008) e Le Breton (2004), esse tipo de modificação corporal envolve um projeto que vai além da própria epiderme, pois passará a fazer parte permanente da apresentação e representação social do self do sujeito. Ademais, as narrativas utilizadas por pessoas tatuadas para justificar o ato de se marcar não se esgotam nos aspectos estéticos, em muitas situações essas tatuagens contam, recontam e ressignificam a história dessas pessoas Assim, reduzir o uso da tatuagem ao primado da estética torna-se um equívoco, pois, como afirma Ferreira (2008), para além de uma perseguição obstinada pelo bem estar físico, a tatuagem reflete uma perseguição obstinada pelo bem estar identitário, “no sentido de alcançar uma consistência subjetiva entre ser e parecer, de produzir uma expressão imagética subjetivamente autêntica e genuína” (Ferreira 2008, p. 117).

Outro fato que chama a atenção em relação a este uso da tatuagem como elemento estético é o grande número de mulheres que buscam sugestões ou que já possuem tatuagens em locais do corpo considerados sensuais, como, seios, nádegas, região pubiana e virilha Deve-se considerar que a sensualização dessas regiões, tal quais outras formas de validação do corpo feminino, possuem raízes histórias e culturais que perpassam pela questão de gênero, visto que distintas regiões do corpo feminino foram sensualizadas por homens ao longo da história (Pilosu, 1995). A busca por sugestões é feita de forma direta e há a infantilização de alguns termos considerados referentes à parte do corpo a ser tatuada: “Alguém tem sugestão

de tatuagem na pepeca?"; "Sugestões de tattoo delicada no bumbum?". Esta infantilização pode estar relacionada a uma tentativa dessas mulheres de amenizarem possíveis críticas ligadas ao local de escolha. As sugestões de outras mulheres geralmente são apresentadas em forma de fotografias das próprias tatuagens ou de outras mulheres tatuadas obtidas na internet. Dentre as tatuagens mais sugeridas e realizadas na virilha e região pubiana destacam-se imagens de pimenta, maçã e coração; as palavras "sex" [sexo], "love" [amor] e "freedom"[liberdade], e as frases "Quer mais?" e "Free Sex" ["sexo livre"]. Tais elementos apontam para referências relacionadas ao sexo, ao amor e à liberdade sexual. Nos seios e nas nádegas são mais comuns tatuagens de flores, borboletas, mandalas e astros (sol e lua). Nessas situações verificou-se uma associação entre tatuagem e sensualidade: "Alguém aqui gosta de tatuagens sensuais? Eu adoro. Fiz uma ontem na virilha, uma pimentinha malagueta igual eu". Na maioria dessas situações foi observada uma relação entre tatuagem e sensualidade.

Diversos estudos (Lise, Gauer, Neto, Dias, & Pichering, 2010; Osório, 200), apontam para uma relação entre tatuagem e sensualidade. No estudo realizado por Lise et al. (2010), aproximadamente 64% dos entrevistados/as declararam acreditar que a tatuagem é um "atrativo sexual" e 78,6% disseram que seria "normal" ou "maravilhoso" se relacionar com uma pessoa tatuada – o que aponta para uma relação entre tatuagem e fetichismo (Boneti, 2016; Rossi, 2011; Weimer, 2016). É nesse sentido que Rossi (2011), ao tratar do tema "fetichismo e tatuagem" em sua pesquisa, afirma que fetiche é o objeto de desejo mediado pela fantasia e, na tatuagem este fetiche se expressa a partir de um corpo sensualizado que carrega "impressões" que despertam desejo. Nestas situações observa-se uma relação intrínseca entre o desejo de ser desejada e o desejo de um outro (Boneti, 2012).

Sobre essa questão é preciso considerar que despertar o desejo no outro, neste caso de um homem, também é um fator culturalmente construído em torno do gênero feminino, visto que ao longo da história o casamento e a maternidade se tornaram condições associados à

segurança, à estabilidade financeira e emocional e à felicidade de mulheres que, para isso, “dependem” de um homem (Pilosu, 1995). É nesse sentido que Zanello (2020) propõe que as mulheres se subjetivam a partir de um olhar de um homem que as escolha, se colocando em uma espécie de “prateleira do amor” que, por sua vez, é mediada por um ideal estético que tem como referência o corpo magro, branco, loiro e jovem. Isso faz com que mulheres negras, gordas e mais “velhas”, sejam preteridas e ocupem lugares de menor destaque nesta prateleira. Nesse sentido, cabe destacar que a maioria das publicações que expõe a tatuagem como elemento estético se alinha ao padrão de beleza da mulher magra e branca, reproduzindo assim a imagem do padrão corporal socialmente aceito. Nesse aspecto, cabe lembrar que a associação entre magreza e feminilidade diz respeito ao papel passivo e objetificado da mulher Zanello (2020), isto é, que o corpo exaltado pela beleza da tatuagem pode auxiliar à reprodução de estereótipos objetificadores de gênero.

Como verificado por Lise et al. (2010), a maioria dos homens sentem-se atraída por mulheres tatuadas, o que aponta para uma valorização da tatuagem dentro desta “prateleira do amor” enquanto parte constitutiva deste corpo objetificado que tem pressa de ser “consumido” antes que “pereça”, isto é, fique velho demais para ser escolhido. É nesse sentido que podemos falar que a antiga associação entre tatuagem feminina e pornografia (Mifflin, 2013), hoje expressa por meio de uma suposta valorização desse tipo de tatuagem que também objetifica o corpo da mulher. É importante ressaltar que a sensualização e a sexualização do corpo feminino precede a existência da tatuagem, o que torna esse elemento apenas mais um dentre tantos outros já sexualizados a partir do corpo das mulheres (Pilosu, 1995), e demonstra a presença ainda relevante das estruturas materiais e simbólicas do machismo e sexismo ainda presente na sociedade.

No entanto, a motivação para fazer uma tatuagem em um local considerado sensual (ou mesmo em outros locais) tendo como referência o desejo de ser desejada e o desejo do

outro, não deve ser considerado regra. Em algumas situações a escolha da determinada região do corpo a ser tatuada pode estar relacionada ao desejo dessas mulheres de terem um tatuagem naquele local sem que isso esteja relacionado ao desejo de um outro, como verificado nesta situação: “Alguém tem sugestão de tatuagem no colo do seio. Acho lindo tatuagem nesse lugar, quero fazer uma”. Em outras situações a escolha do local da tatuagem pode estar ligada a outros fatores que não a sensualização do corpo, como, por exemplo, cobrir marcas de cicatriz, estrias, manchas de pele etc. E há situações em que essas tatuagens sensualizadas podem ser manifestações de autonomia e independência por parte de suas portadoras, como as expressões “Freedom” e “Free Sex” – inferências diretas ao sexo livre e à liberdade sexual. Nessas situações a opção em fazer a tatuagem parece estar relacionada à expressão de uma sexualidade que deseja ser autêntica e, ao mesmo tempo, “livre”; visto que a sexualidade feminina foi historicamente reprimida e associada à perversão e ao pecado (Pilosu, 1995). Nessas situações, muitas vezes as motivações e significados atribuídos por essas mulheres às suas tatuagens é anulado em detrimento de interpretações de terceiros que veem a tatuagem feminina apenas sob a ótica da sensualização do corpo. Como afirma Le Breton (2004) nem sempre o significado que o indivíduo tatuado atribui a sua tatuagem é o mesmo que aquele que a vê atribui. Se de um lado estas significações estão relacionadas a questões pessoais, por outro se relaciona a questões históricas e culturais que moldam o pensamento social e subjetividade deste outro dentro de uma sociedade machista, sexista e misógina.

Outro fator importante a ser considerado relaciona-se à estética da tatuagem feminina. Observou-se a preferencia destas mulheres por tatuagens menores, com traços finos (estilo “fine line”), em locais menos visíveis ou que possam ser facilmente ocultadas. Os desenhos remetem a imagens, figuras e símbolos representativos ou associados ao universo feminino, como flores, borboletas; astros (ex. estrelas, lua, sol); figuras místicas e religiosas etc. (Perez,

2006, Lise et al., 2010). No caso de desenhos neutros (ex. animais), observa-se também uma infantilização da imagem quando tatuado em mulheres (Osório, 2005). A busca por esse padrão foi associada por algumas mulheres à “delicadeza” e a “discrição”, como verificado nos trechos, a seguir: “Sugestões de tattoo delicada na nuca”; “Linda, delicada e discreta! Amei!”. Esta busca por delicadeza e discrição é reafirmada através da escolha dessas mulheres pelo estilo “fine line”, visto o traço fino ser percebido como mais delicado; e da escolha do local do corpo tatuado, o que estaria relacionado à discrição. É preciso considerar que tanto a “delicadeza” quanto a “discrição” são formas de comportamentos culturalmente construídas e associadas ao universo feminino (Andrade, 2015; Ariès, 1981; Pilosu, 1995). Assim, as tatuagens dentro deste padrão operariam como uma “metáfora da feminilidade”, visto que reproduz estereótipos e reafirmam papéis sociais historicamente construídos em torno da mulher, do corpo e da sexualidade feminina (Osório, 2005).

Outro uso comum da tatuagem como elemento estético está relacionado à ocultação de marcas corporais indesejadas por mulheres em seus corpos, como: cicatrizes resultantes de acidentes e cirurgias [principalmente de cesarianas e abdominoplastias]; manchas na pele [ex. melanoma] e marcas [ex. celulite e estrias]. Na maioria das vezes essa insatisfação se estende para todo o corpo e é motivo de tristeza e vergonha para essas mulheres, como pode ser verificado na postagem desta seguidora: “Querida sugestões para cobrir cicatriz de cesariana. A minha ficou horrível! É uma tristeza que só pra mim. Desde que tive minha filha nunca mais tive coragem de colocar um biquíni ou um maiô”. Três fatores chamam a atenção nestes tipos de situações: o fato de a cesariana ser uma cirurgia muitas vezes imposta às mulheres e que pode ser substituída pelo parto natural; o fato de algumas mulheres buscarem a tatuagem como recurso estético para reparar procedimentos estéticos anteriores mal sucedidos; e a melhora na autoestima dessas mulheres após a ocultação da marca.

Em relação ao primeiro fator, é preciso considerar que a cesariana foi um modelo partueral imposto às mulheres pelo modelo biomédico vigente, sob justificativa de ser mais rápido e seguro para a mãe e o bebê (Carneiro, 2017). Contudo, em muitas situações o que se vê é uma sequência de violação de direitos e violências cometidas contra o corpo dessas mulheres. Em um estudo realizado pela Fundação Perseu Abramo (2010) 25% das mulheres declararam ter sofrido algum tipo de violência obstétrica durante a cesariana. Carneiro (2017) defende a ideia de uma dimensão corporal e outra cultural ligada à cesariana, visto que muitas mulheres que optam pelo parto natural têm seu direito cerceado pelo “poder médico”.

É possível perceber que muitas dessas mulheres buscam a tatuagem como recurso não apenas para ressignificar o corpo cortado, mas, também, seu psiquismo fragmentado pela marca da cicatriz, que em muitas situações reflete situações angustiantes e traumáticas vivenciadas por essas mulheres, como pode ser verificado na postagem desta seguidora: “Pra mim essa tattoo não é só um desenho ou uma arte e sim um marco, só quem sabe do meu trauma e da vergonha da cicatriz horrível que carrego me entende. Assim mesmo sem pintar já tampou bastante. Tô apaixonada. Alguém mais aqui tem uma tatoo cobrindo uma cicatriz?”.

Nessas situações a cicatriz não é apenas um sinal inscrito na carne, mas uma marca que aglutina emoções, traumas, fracassos e outras experiências que são vivenciadas com dor e angústia por essas mulheres (Carneiro, 2017). Para Morello et al. (2021, p. 8), “as mulheres usam tatuagens como fonte de poder, força e resiliência, mais notavelmente quando essas tatuagens surgem do desejo de se curar de um trauma”. Assim, nessas situações, para além de ocultar uma marca indesejada, a tatuagem teria função de aliviar a angustias dessas mulheres que, muitas vezes, são impedidas de se expressá-las.

Em relação à utilização da tatuagem para cobrir cicatrizes deixadas por outros procedimentos estéticos, observa-se uma perseguição obstinada dessas mulheres pela

aparência, o que está relacionado à pressão estética vivenciada por elas dentro de uma sociedade em que estar dentro dos padrões de beleza pré-estabelecidos são requisitos indispensáveis para a inclusão e ascensão social (Albuquerque, Guimarães, & Macedo, 2019). Sobre essa questão é preciso considerar que o culto ao corpo sempre esteve presente na história da humanidade e, dentro dessa dinâmica, o corpo feminino sempre esteve subjugado aos olhados dos outros (Leles, 2019). Isso, porque, o corpo feminino sempre esteve sujeito às formas de dominação e controle instituídas pela sociedade, cujas regras foram definidas tendo como base o padrão masculino e o corpo europeu (Albuquerque, Guimarães, & Macedo, 2019). Esta cobrança exacerbada por um padrão de corpo tido como ideal é o que tem levado muitas mulheres a recorrerem a cirurgias e outros procedimentos estéticos, e também ao adoecimento psíquico, como verificado nos casos de bulimia, anorexia e outros transtornos alimentares (Albuquerque, Guimarães, & Macedo, 2019). No Brasil, entre os anos de 2010 e 2021, o número de cirurgias plásticas entre adolescentes de 13 a 18 anos cresceu 141%, sendo a o implante de silicone, a rinoplastia e a lipoaspiração os procedimentos mais realizados por esse público, formado majoritariamente por mulheres. (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP, 2021).

Alguns transtornos alimentares, como a anorexia e a bulina, também estão relacionados a esta “ditadura da beleza” imposta às mulheres. Isso porque a magreza excessiva, inspirada no corpo das *top models*, passou a ser inclusa dentro desse padrão – o que justifica o aumento significativo de mulheres adolescentes e jovens que tem recorrido às clínicas de psicologia com problemas de anorexia e bulimia, bem como por depressão e ansiedade relacionadas à insatisfação com a própria auto imagem. (Gama, Dias, Neto, & Vargas, 2011). Essa busca exacerbada por um “corpo ideal” reflete conflitos internos e externos vivenciados por essas mulheres; ou seja, entre aquilo que eles gostariam de ser e aquilo que lhes é exigido que sejam para serem aceitas e inclusas em uma sociedade em que a

aparência passou a ser sinônimo de oportunidades, saúde, bem-estar e felicidade (Albuquerque, Guimarães, & Macedo, 2019).

Embora nos últimas décadas esta estetização do corpo feminino e de um padrão de beleza tido como ideal venham sendo contestados por determinados grupos e movimentos sociais (como o movimento feminista e o movimento negro, por exemplo), a mídia, fomentada pelas indústrias da estética e da moda, ainda contribui significativamente para a disseminação desse padrão muitas vezes inatingível para a maioria das mulheres (Albuquerque, Guimarães, & Macedo, 2019). Isso é facilmente observado nas Redes Sociais que frequentemente lançam “filtros” capazes de modificar a fisionomia das pessoas, tornando-as mais próximas deste modelo tipo como ideal. Nesses casos, a frustração com a auto imagem surge do conflito entre aquilo que se é e aquilo que se deseja ser (Leles, 2019), pois aquilo que é natural passa a ser visto como imperfeito e aquilo que se quer ser só é possível na virtualidade.

Em todas as situações em que a tatuagem foi feita com finalidade estética observou-se uma maior satisfação das mulheres com o corpo e aumento da autoestima após a realização da tatuagem, como pode ser verificado na postagem desta seguidora: “Depois que fiz minha tatuagem fiz as pazes comigo mesma e com meu corpo. Passei a me sentir mais bonita, minha autoestima aumentou...”. Diversos estudos demonstram uma relação entre tatuagem e aumento da estima (Almeida, 2017; Lima, 2017; Weimer, 2016). Tais fatores apontam para uma relação entre tatuagem, estética corporal, satisfação interna e autoestima, visto que quando a tatuagem é feita com finalidade estética há um aumento da satisfação interna do indivíduo com seu corpo e com sua autoimagem e, conseqüentemente, um aumento da autoestima. Assim, poder-se-ia dizer que uma das conseqüências positivas da tatuagem para algumas mulheres é o aumento da autoestima.

3.3 Tatuagem e preconceito

Nesta categoria foram selecionadas publicações em que a tatuagem aparece associada a situações de preconceito e discriminação relacionados a mulheres tatuadas. Foram verificadas situações de preconceito motivadas pelo número de tatuagens, pelo local do corpo tatuado, pelo estilo de tatuagem e pela cor da pele. Algumas dessas manifestações de preconceito são mencionadas na publicação desta seguidora: “De hoje amei. Tatuagem: muita gente tem preconceito. Você vai ter uma tia mal-comida que vai achar feio, uma amiga com desejo reprimido vai dizer que tatuagem é horrível. Vai ter uma vizinha crente que vai alegar que teu corpo não pode ser alterado pelo homem porque é de Deus. E vai ter aquele que vai dizer que tatuagem atrapalha numa entrevista de emprego e torcer pra isso acontecer, só pra depois poder dizer "eu avisei". E vai ter gente que não vai te dar emprego por causa de uma tatuagem. Vai ter gente que vai achar que você é maloqueiro ou puta. E vai ter gente que vai dizer que é coisa de presidiário. Vai ter gente que vai perguntar o que vai ser do desenho com a pele enrugada e velha. Se for colorida vai ter gente que vai dizer que é mais legal só em preto e cinza e vice-versa. E vai ter gente que ENTÃO, se você se sente incomodado com alguma dessas coisas, Então não faça porque realização pessoal e liberdade de escolha são pra poucos que vivem tranquilos com sua própria consciência [...]”.

Concordamos com Le Breton (2004) que este preconceito contra pessoas tatuadas possui raízes históricas e culturais, visto que no Ocidente esse tipo de modificação corporal esteve associado à marginalidade, à criminalidade e a grupos dissidentes até a década de 1990 (Le Breton, Leitão e Eckert, 2004). Isso também justifica o fato de a grande maioria dessas manifestações de preconceito ser cometida por pessoas mais velhas (Le Breton, 2004; Pedro & Aguiar, 2019), que viveram esse momento de estigmatização do uso da tatuagem.

Como consequências deste preconceito são citados problemas familiares e relacionados ao trabalho, como pode ser verificado nestes comentários: “Quando eu fiz a minha [tatuagem] minha mãe e meu pai quase acabaram comigo... ficavam falando o tempo todo que tatuagem era coisa de marginal e mulher vagabunda”; “Sou professora e já fui demitida de uma escola particular evangélica porque descobriram que eu tinha tatuagem”. Em um estudo realizado pelo site Tattoo2me (2018), com 5.390 pessoas tatuadas 57,96% dos respondentes relataram ter vivenciado alguma situação de preconceito por ter tatuagem. Desses, 73,89% disseram que o preconceito partiu de pessoas da família e 22,26% disseram que sofreram preconceito no trabalho. Esses dados corroboram com os do estudo realizado por Schlösser (2018), que também verificou uma maior incidência de preconceito contra pessoas tatuadas no ambiente familiar e no trabalho.

Diversas pesquisas apontam para uma redução deste preconceito nas últimas décadas, após a tatuagem passar a ser tratada como elemento estético (Badaró, 2019; Gomes, 2018; Schlösser, 2018). Esta redução do preconceito também é percebida pelas mulheres do grupo, como verificado neste comentário: “Depois que virou moda o preconceito diminuiu muito”. No entanto, é importante ressaltar que esta maior aceitação do corpo tatuado pela sociedade se restringiu ou foi mais efetiva para alguns grupos, como no caso de homens tatuados e de pessoas que têm tatuagens menores e em locais menos visíveis (Le Breton, 2004; Rossi, 2011; Gomes, 2018). No caso de mulheres, pessoas com múltiplas tatuagens ou que têm tatuagens maiores e em locais visíveis, este preconceito ainda é bastante presente, como verificado por Schlösser (2018) e Osório (2005). Essa diferença no tratamento entre os gêneros, também é percebida pelas mulheres do grupo em estudo, como verificado no comentário desta seguidora: “Nossa sociedade é muito hipócrita... Tem diferença sim, os homens sofrem muito menos preconceito e não só em relação a tatuagem não é em relação a tudo”.

Este maior preconceito em relação a mulheres tatuadas está intrinsecamente relacionado à construção do corpo, da sexualidade e dos estereótipos de feminilidade construídos em torno do gênero feminino ao longo da história que, como já mencionado, submeteu o corpo feminino a formas de controle e dominação, estabelecendo uma hierarquia dominante dos homens em relação às mulheres (Bourdieu, 2003). Isso também justifica o fato de o corpo feminino tatuado ter sido associado em muitas situações a um corpo “prostituto”, de “fácil acesso”: “coisa de puta”; “coisa de mulher vagabunda”. Esses dados convergem com os resultados do estudo desenvolvido Swami e Furnham (2007) que também verificou que mulheres tatuadas são vistas como mais “promíscuas” do que aquelas que não têm tatuagem.

Contudo, como afirma Manguinho (2010), esta associação entre mulheres tatuadas e prostituição não pode ser vista apenas do ponto de vista histórico, mas também do ponto de vista do corpo e da autonomia corporal, visto que tanto a prostituta quanto a mulher tatuada detêm domínio sobre seu corpo, ela fazem uso do corpo como querem. Tais atitudes estão na contra mão dos discursos valorativos em torno do corpo da mulher, que ao transgredi-los, seja usando seu corpo como ofício ou fazendo uma tatuagem, estará sujeita à estigmatização e situações de preconceito e discriminação.

O medo de vivenciar tais situações faz com que muitas mulheres que têm vontade de fazer uma tatuagem abram mão deste desejo, como verificado no caso desta seguidora: “Morro de vontade de fazer uma tatuagem, acho lindo, só que antes meus pais não deixavam, agora é meu marido que não deixa, fala que é coisa de puta”. Nesses casos, o medo de ser estigmatizada ou de vivenciarem situações de preconceito e discriminação se sobrepõe ao desejo dessas mulheres de fazerem a tatuagem, o que para além de estar relacionado à “herança de marginalidade ancestral” relacionada à tatuagem (Netto, 2009), está associado há

uma “herança ancestral machista”, que “desapropriou” as mulheres do próprio corpo ao submetê-las a mecanismos de controle e dominação e ao julgamento e olhares dos outros.

A adequação de tatuagem a padrões considerados aceitáveis – padrões esses baseados em uma estética “delicada”, “discreta” e “feminina” – também pode estar relacionada a uma estratégia dessas mulheres para lidar com o preconceito, como verificado neste caso: “Sugestões de lugares escondidos pra eu fazer uma tattoo pequena. Tem que ser um lugar que dá pra esconder do meu pai [...]”. É nesse sentido que Sabino e Luz (2006) afirmam que a tatuagem envolve papéis próprios da dinâmica social e da diferenciação entre os gêneros – diferenciação essa também verificada por Osório (2005), Perez (2006) e Schlösser (2018). Tais diferenças refletem padrões daquilo que seria considerado aceitável ou não para ser inscrito no corpo masculino e feminino. Segundo Dann e Callaghan (2019), na sociedade atual as tatuagens são socialmente aceitas para as mulheres quando têm um propósito (memorial, cura, cuidado, identidade, relações) e não são “mera” decoração. Assim, a hipótese presentemente levantada é que, para além de uma identificação dessas mulheres com os desenhos, imagens ou frases tatuadas, a escolha por determinado tipo de tatuagem também pode estar relacionada ao medo do preconceito.

Além das mulheres, outros grupos que também sofrem com mais veemência ações e reações de preconceito e discriminação são: pessoas multituadas, ou seja, que têm múltiplas tatuagens em locais visíveis ou grandes extensões do corpo coberto por tatuagens; pessoas que possuem tatuagem em locais do corpo considerados impróprios para se ter uma tatuagem (ex. face); e pessoas cujas tatuagens não possuem um padrão estético considerado profissional

De acordo com Rossi (2011), o local do corpo que mais provoca reações de preconceito e discriminação é o rosto. Essa afirmação é confirmada em um postagem de um seguidora do grupo investigado: “Sofro muito preconceito por causa da minha tatuagem no rosto, mais alguém?”; e em comentários feitos nesta mesma postagem: “Eu particularmente

não gosto, mas não tenho preconceito”; “Acho muito agressivo”. Para Le Breton (2004), as tatuagens no rosto são estigmas voluntários, visto que seus portadores têm consciência do preconceito implícito neste tipo de tatuagem e mesmo assim optam por fazê-las numa demonstração de rebeldia e insubordinação. Vale lembrar que este tipo de tatuagem sempre esteve associado a grupos dissidentes, como punks e skinheads (Andrade, 2015).

É preciso considerar que o rosto é a principal parte do corpo que identifica o sujeito. É para o rosto que geralmente olhamos primeiro quando nos comunicamos com outra pessoa, pois, para além da comunicação verbal, nele estão implícitas expressões não verbais relacionadas à comunicação. O rosto é “cartão de visita” de acesso a determinados grupos. Muitas religiões, mesmo aquelas que já aceitam melhor a prática da tatuagem, condenam este tipo de tatuagem por considerá-la uma transgressão a criação divina. Esses motivos justificam o fato de muitas pessoas considerarem a tatuagem no rosto uma “atitude extrema”, “radical”; e associada à “rebeldia” e à “insubordinação”, como verificado também por Radael, Segate, Pepece, & Nienkoetter (2020).

É certo que para algumas pessoas a opção de tatuar a face é algo consciente e pode estar relacionado a este caráter transgressor associado a este tipo de tatuagem (Le Breton, 2004). Nestes casos a motivação para fazer a tatuagem parece estar relacionada ao desejo de ser diferente, de criar uma identidade que seja autêntica (Ferreira, 2008), visto que a tatuagem em outras regiões do corpo se tornou algo comum e que já possui uma boa aceitação social (Badaró, 2019; Gomes, 2018; Schlösser, 2018).

Contudo, isso não pode ser considerado regra, visto que nos últimos anos o uso deste tipo de tatuagem vem aumentando muito entre jovens, principalmente, depois de pessoas com rostos tatuados ganharem lugar de destaque na mídia, como, por exemplo, o youtuber e comediante Winderson Nunes, as atrizes Amber Rose e Amanda Bynes, e os cantores Justin Bieber e Malone, dentre outros. É preciso considerar que a mídia sempre teve uma forte

influência na determinação de padrões estéticos associados à moda e à indústria da beleza (Albuquerque, Guimarães, & Mota, 2019). Assim, a hipótese aqui levantada é que em algumas situações a decisão por tatuar o rosto é mais influenciada por fatores externos – neste caso a mídia – do que por fatores internos, embora estes sempre estejam presentes na tatuagem. É nesse sentido que Mauss (1974) define o que denominou de “princípio da imitação prestigiosa”, que se refere ao fato de as pessoas buscarem se tornar cada vez mais parecidos com pessoas com as quais se identificam e têm como referências de beleza e sucesso, geralmente pessoas famosas cujas imagens são amplamente veiculados pela mídia.

Nessas situações acredita-se haver maiores chances de arrependimento, como verificado no caso desta seguidora: “Achava tatuagem no rosto bonito e acabei fazendo essa no impulso, hoje me arrependo amargamente, tem muito preconceito”. Como pontua Leitão (2004), para que não haja arrependimento é essencial que a representação expressa por meio da tatuagem tenha uma significação para o indivíduo que agregue fatores internos. A ausência desses fatores faz com que a tatuagem perca o sentido para essas pessoas ao longo tempo levando-as ao arrependimento pelo ato impulsivo e irrefletido.

Da mesma forma que a tatuagem na face, tatuar grandes áreas do corpo é visto como algo “agressivo”, “chocante”; “transgressor”. Diversos estudos (Le Breton, 2004; Schlösser, 2018; Kalanj-Mizzi, Snell, & Simmonds, 2018) apontam que pessoas que têm múltiplas tatuagens ou que têm tatuagens grandes e em regiões visíveis do corpo sofrem mais preconceito e discriminação do que pessoas que têm tatuagens menores e em locais menos visíveis ou que podem ser facilmente ocultadas. Swami e Furnham (2007) verificaram que quanto maior o número de tatuagem maior é o número de situações de preconceito vivenciadas pela pessoa. Esse maior preconceito contra pessoas multituadas por ser justificado pelo próprio tratamento dispensado a essas pessoas ao longo da história, que as consideravam “aberrações”, tratando-as no campo da “patologia” (Gomes, 2018).

Chama a atenção também o fato de em algumas postagens relacionadas a pessoas multituadas ser empregada a expressão “pele limpa”, para se referir às regiões do corpo não tatuadas. Se considerarmos a semântica do termo “limpo” e seu oposto, “sujo”; poder-se-ia inferir que existe uma percepção, aparentemente inconsciente, do corpo multituado enquanto algo “sujo”. Sobre essa questão é preciso considerar que, em uma sociedade em que o modelo higienista de saúde orientado pela visão biomédica do corpo ainda é referência para muitas práticas clínicas (Wermuth, Nielsson, & Tetruliano, 2021) o termo “sujo”, que se opõem a essa noção de “higiene”, ainda é associado à “anormalidade”, à prática consideradas desviantes do “padrão normal” e patologizadas. Isso talvez também justifique o fato de muitas pessoas associarem o corpo multituado à “loucura”, a “problemas mentais”, como verificado nos comentário desta seguidora diante da foto de outra seguidora multituada: “Cruzes, muita assim eu acho feio, isso pra mim é loucura só tendo algum problema pra fazer isso com o próprio corpo”. Esse preconceito impede que o caráter subjetivo implícito tanto nas tatuagens quanto no ato de tatuar sejam desvelados.

Embora este preconceito exista, muitas mulheres multituadas se declaram “felizes” e “orgulhosas” com suas tatuagens e com seus corpos, e alegam não “ligar” para a opinião dos outros sobre suas tatuagens. Algumas delas definem seus corpos como uma “tela em construção”; outras como um “espaço de produção de sentidos”; e outras como um espaço de “contestação de regras e valores sociais”. Tais percepções são resumidas no comentário desta seguidora: “Tatuagem é arte... E meu corpo uma tela em construção, um espaço de produção de sentidos para mim e para o mundo. Eu sou a própria contestação das regras e dos valores sociais que nos fizeram engolir goela abaixo. Por isso eu tenho orgulho de ser quem sou e das minhas tattoos”. Nessas situações observa-se uma associação entre tatuagem e arte – relação esta também verificada em publicações de pessoas que possuem tatuagens menores e em locais menos visíveis.

Como afirma Ferreira (2007) quem opta por fazer uma tatuagem pela beleza do desenho ou pela beleza de se ter uma tatuagem estampada no corpo trás consigo o “orgulho de ser proprietário único e indivisível de uma obra de arte itinerante que, dada a natureza permanente e invasiva, não pode ser vendida, trocada, sequer roubada” (p. 42). Vale lembrar que foi a partir da década de 1990, com profissionalização da tatuagem que esse tipo de marcação corporal ascendeu à categoria de “body art” (Berbet, 2018), definida como uma vertente da arte contemporânea em que o corpo é utilizado como espaço de manifestação e produção de sentidos (Manfrin, 2013). Nessa perspectiva, o corpo multituado além de um “lugar de enunciação e de escritura de si”, torna-se também “um território político produtor de vínculos sociais e afetos” (Almeida, 2017, p. 12). Ou seja, para além de expressar aspectos subjetivos e de uma identidade que deseja ser autêntica, o corpo multituado se comporta como um “corpo político”, que contesta normas e regras sociais, principalmente relacionadas a padrões estéticos e ao lugar da mulher na sociedade. Nessa perspectiva, “a tatuagem configura-se como um indicador, uma marca social, que revela pertencimento e/ou adesão a certos valores e ideologias. O corpo passa a ser a tela onde se pintam e se expressam concepções da vida e do mundo”. (Berger, 2006, p. 61).

Outra forma de preconceito verificada com frequência nas postagens das seguidoras do grupo investigado foi em relação ao estilo de tatuagem estampada na pele de outras pessoas. Tatuagens com traços mais grossos [estilo “old school” e “trash tattoo”] ou que não tenham sido feitas por um profissional qualificado são tidas como “feia”, “mal feita”, “de cadeia”. O comentário desta seguidora em uma foto postada por outra seguidora exemplifica esta associação: “Ficou horrível, ficou parecendo tatuagem de cadeia”. Mais uma vez observa-se a associação da tatuagem à marginalidade e à criminalidade – estigmas decorrentes do processo de construção histórica em torno da prática da tatuagem, conforme já comentado.

Nestes casos, a própria expressão “tatuagem de cadeia” já carrega consigo o preconceito implícito em relação a esse tipo de tatuagem.

Contudo, é preciso ressaltar que nem sempre ter uma tatuagem cuja estética não agrade outras pessoas está relacionado ao profissionalismo do tatuador. Em algumas situações este tipo tatuagem pode estar relacionado a um estilo, como, por exemplo, o “trash tattoo”, que tem justamente a intenção de causar estranhamento estético com seus traços grossos e desalinhados. Nessas situações a pessoa tem consciência das críticas que irá sofrer, mas opta pelo estilo como forma de contestação aos padrões estéticos vigentes (Le Breton, 2004). Para Rinaldi (2017, p. 10), “atração pelo belo parece representar, através dos tempos, uma obsessão para o homem. Durante a história o ser humano buscou razões para criar arte, seguindo padrões estéticos artísticos e sociais” considerados belos. Contudo, como adverte Humberto Eco (2004) em sua obra, “A história da Beleza”, os padrões estéticos dependem do seu contexto e mudam ao longo do tempo por influência da cultura, da religião, da mídia, da ciência etc. Para o autor feio e belo se constituem enquanto qualidades interdependentes, visto que: “mesmo os monstros contribuem, nem que seja por contraste (como fazem as sombras e os claros-escuros em um quadro) para a Beleza do conjunto”. É nesse sentido que Rinaldi (2017) argumenta que “para a arte, a música e a manifestação pessoal, o ‘grotesco’ faz parte da representação humana e que o feito depende do gosto e do período que está sendo analisado” (p. 10) – visão essa com a qual concordamos.

Chama atenção também o fato de pessoas multituadas, que têm tatuagem no rosto e tatuagens consideradas “não profissionais”, ser vítimas de preconceito de outras pessoas que têm tatuagens. Esse preconceito entre tatuados também foi verificado nos estudos realizados por Le Breton (2004) e Swami e Furnham (2007). Para Gelder (2007), alguns tipos de tatuagens dificulta a aceitação social inclusive entre entusiastas da tatuagem. Nesses casos, como pontua Silva (2015, p. 45), “o marginal está no outro, na tatuagem de cadeia, mal feita,

de piranha, de preto, de pobre; a minha é bonita, delicada, bem feita, tem motivo, é limpa, entre outros”. Esses dados nos permitem inferir que o maior preconceito contra determinados grupos de pessoas tatuadas está mais ligado a questões sociais, econômicas, políticas e ao lugar em que esses grupos ocupam na sociedade, do que a própria tatuagem em si. Nesses casos, portanto, o preconceito em relação à tatuagem do outro estaria relacionado a outros preconceitos já pré-existentes, sendo a tatuagem apenas mais uma forma de reafirmação desse preconceito.

No que tange ao preconceito relacionado à cor da pele, chamou a atenção o fato de uma integrante do grupo questionar: “Cadê as mulheres negras tatuadas, difícil né?”. Em um grupo com mais de 214 mil membros apenas duas pessoas, que se autodeclararam negras, responderam a postagem: uma relatou que tinha vontade de fazer tatuagem, mas que achava que ficaria “feio” por causa do “tom chocolate” da sua pele; outra relatou que já ter vivenciado “inúmeras” situações de preconceito por ser “morena” e ter “tatuagem colorida”. Em outras duas postagens mulheres negras comentaram sobre a ausência de tatuadores especializados em pele negra: “Tatuador pra pele branca de muito né, quero ver profissional bom pra tatuar pele negra, de negão”. Observou-se uma significativa ausência de pessoas negras no grupo. A hipótese presentemente levantada é que o baixo número de mulheres negras no grupo está intrinsecamente relacionado ao racismo estrutural presente na sociedade, que contribui para inviabilização de pessoas negras em determinados grupos.

Almeida (2019b) define racismo estrutural como “parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática”. Essa sistematização do racismo é a responsável pelas preocupantes índices de violências e discriminações sofridas pela população preta dentro da sociedade capitalista contemporânea (Correia, 2021). Quando se pensa em mulheres negras esse racismo torna-se ainda mais grave em virtude da intersecção entre gênero e raça: elas são

maioria entre desempregados, estão submetidas a condições de trabalho inferiores às oferecidas às mulheres brancas; são a maioria das vítimas de violência obstétrica, violência doméstica e feminicídio. (Fernandes, 2022).

Por serem sutis e incorporadas à cultura essas manifestações de racismo muitas vezes não são percebidas nem mesmo por suas próprias vítimas (Almeida, 2019b; Correia, 2021), como verificado neste comentário a uma postagem sobre a ausência de profissionais especializados em peles negras: “Já começou o mimimi , as pessoas precisam entender que tatuador não faz milagres, tem tatuagens q nem na pele branca fica legal. A pele negra porém já é mais difícil não é qualquer desenho que vai ficar bom ou vai aparecer igual uma pele branca. [...]. Sem vitimismo”.

Sobre essa questão, Almeida (2019b, p. 53) argumenta que “uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos”. É nesse sentido que Correia (2021), adverte para a influência das estruturas sociais fundamentadas pelo capitalismo, nos processos de individuações negras. Para a autora, “as individuações de pessoas negras em território brasileiro, encontram em seu movimento um gênero humano fragmentado pela particularidade social do racismo, que impacta a forma como cada indivíduo se singulariza” (Ibidem, 2021, p. 48). Tais evidências levam a tese de que, as situações de preconceito e discriminação e a inviabilização de pessoas pretas relacionadas à prática da tatuagem seriam mais uma dessas diversas formas de manifestação de racismo enraizado em uma estrutura social regulamentada e regida por instituições formadas por pessoas majoritariamente brancas que, ao longo da história, ditaram normas e regras de controle sobre os corpos negros, transformando esses corpos outrora escravizados, em corpos marginalizados e submissos.

Tal qual Almeida (2019b), consideramos que o racismo deve ser visto como regra e não como exceção. Portanto, para que mudanças no pensamento social sejam efetivas, além da adoção de práticas antirracistas, são necessárias também políticas públicas e institucionais que garantam a igualdade e equidade de direitos para a população preta. Vale ressaltar que o fato de o racismo ser estrutural não exime a responsabilidade de indivíduos que cometem atos de discriminação racial. É necessário também compreender que, ao entendermos a ordem racista que estrutura a sociedade, nos tornamos ainda mais responsáveis no enfrentamento de práticas preconceituosas e discriminatórias, visto que o silêncio e a omissão neste tipo de situação figura como dispositivo para manutenção do racismo.

4 Considerações Finais

A presente pesquisa objetivou investigar a produção de discursos sobre a tatuagem feminina em grupos públicos na rede social Facebook produzidos por mulheres membros desses grupos. Verificou-se que a maioria das mulheres do grupo investigado estabelece uma relação entre o desenho e/ou frase tatuada e aspectos da sua vida pessoal. Tais aspectos relacionam-se a valores, crenças, modos de ser, de pensar e de se comportar que sua portadora quer expressar. Nesse contexto, foram encontradas duas vertentes principais: tatuagens que reafirmam papéis tradicionais da mulher, cujos elementos apontam referências religiosas ou homenagens a pessoas significativas para a mulher, geralmente referentes a um relacionamento amoroso ou à maternidade; e na segunda vertente, tatuagens que expressam a valorização da autonomia e da independência, cujos elementos apontam para a busca de uma identidade que deseja ser autêntica e para o empoderamento feminino.

Na maioria das situações a tatuagem foi tratada como um elemento estético tem como funções: ornamentar o corpo, valorizar a beleza e a sensualidade. As RSV têm contribuído significativamente para esta nova ressignificação da tatuagem, que passou a ser incorporada à “estética da presença” (Le Breton, 2004). Em algumas situações a tatuagem também teve função de cobrir marcas indesejadas por mulheres em seus corpos, como manchas de pele, cicatrizes, celulites e estrias. O aumento da autoestima foi fator significativo após a realização da tatuagem. Nessas situações observa-se a forte influência da “ditadura da beleza” nos processos de subjetivação e construção identitária dessas mulheres.

Na percepção das mesmas, o preconceito contra pessoas tatuadas reduziu bastante nas últimas décadas, porém essa maior aceitação do corpo tatuado pela sociedade se restringiu ou foi mais efetiva apenas para alguns grupos, como no caso dos homens tatuados e de pessoas que têm tatuagens menores e em locais menos visíveis. Para elas, mulheres tatuadas sofrem

mais preconceito do que homens tatuados. Este preconceito se acentua em situações de tatuagens múltiplas, de pessoas que têm grandes extensões do corpo tatuado, de pessoas que têm tatuagens em locais considerados “radicais” (ex. face); pessoas que têm tatuagens consideradas “não profissionais”; e negros.

Embora tenha sido possível abstrair elementos importantes para a reflexão proposta, é preciso considerar as limitações deste estudo, tanto em relação à amostra quanto em relação ao método; a saber: a pesquisa foi feita em cima de discursos produzidos por um grupo específico de mulheres, que têm acesso à internet e a novas tecnologias e uma conta cadastrada em uma Rede Social específica, o Facebook, excluindo assim mulheres fora desse contexto; impossibilidade de estabelecer uma temporalidade cronológica do material selecionado; ausência de dados que permitam traçar o perfil dos membros do grupo; a possibilidade de exclusão de postagens e comentários por administradores e pelo próprio membro; possibilidade de haver perfis falsos; e o conteúdo das publicações podem não expressar de forma clara o pensamento ou intenção da pessoa que fez a postagem ou comentário, geralmente estes conteúdos são curtos e objetivos não sendo possível ampliar a compreensão sobre determinados fenômenos.

Devido a essas limitações e à necessidade de aprofundamento do tema sugere-se a realização de novos estudos, com amostras reais de mulheres tatuadas e que abordem temáticas que ainda se constituem enquanto lacunas epistemológicas em relação ao tema da tatuagem de forma geral e da tatuagem feminina de forma específica, como, por exemplo, a questão da mulher negra tatuada; da mulher multitatuada; da mulher tatuada moradora de zona rural, da mulher tatuada moradora de periferia etc.

Para psicólogos, pesquisadores e demais pessoas interessadas no tema, esta pesquisa contribui para ampliação do debate sobre tatuagem, mulheres tatuadas, corpo, identidade, subjetividade e contemporaneidade. A prática da tatuagem envolve atravessamentos

históricos, culturais e psicossociais que contribui para discussões importantes sobre a construção da identidade, da subjetividade e do gênero humano. Como afirma Le Breton (2004), na contemporaneidade o corpo tornou-se uma “matéria prima a ser modelada segundo o ambiente e o momento”, tornou-se um “acessório da presença” e um lugar de “encenação de si”; portanto, compreender esse corpo e suas formas de corporeidades, suas formas relações com outros corpos e com o meio, tornam-se elementos indispensáveis à compreensão do humano.

5 Referências

- Albuquerque, A. F., Guimarães, M. C., Macedo, S. B. M. (2019). Ditadura da beleza: conflitos do próprio eu, *Revista eletrônica da Reunião Anual de Ciência*, XXIV, 9 (1).
- Almeida, A. M. (2019a). *Movimento antivacinas na internet: da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento em grupos no Facebook*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PA, Brasil. Recuperado em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/64287>>.
- Almeida, A. Q. (2017). *#Girlswithtattoos: o corpo como território social*. Dissertação de mestrado. P- Universidade Tuiuti, Curitiba, 2017. PA, Brasil. Recuperado em: <<https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1234>>.
- Almeida, M. I. M. (2000). Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. *Psicologia Clínica*, 12(2), p. 103-123.
- Almeida, M. I. M. (2001). Tatuagem e subjectividade: reflexões em torno do imaginário da epiderme, *Intersecções*, 3 (1), p. 91-109.
- Almeida, S. (2019b). *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen.
- Andrade, P. A. M. (2015). *Mulheres e tatuagens: valores e intenções impregnados na construção do corpo feminino*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, SP, Brasil. Recuperado em: <<http://hdl.handle.net/11449/132055>> .
- Ariès, Philippe. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC.
- Badaró, T. A. (2019). *Corpo e educação: marcas corporais como narrativas identitárias no tempo presente*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, brasil. Recuperado em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32430>>.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barros, D. L. P. (2014). O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: *Anais XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina - ALFAL*, João Pessoa, PB, Brasil.
- Benson, S. (2000) Inscriptions of the self: reflections on tattooing and piercing in contemporary Euro-America. (234-254). In: *Written on the body: the tattoo in European and American history*. Princeton: Princeton University Press.
- Berbet, L. (2019). Meninos do Rio Uma breve história da tatuagem na cidade do Rio de Janeiro. *Concinitas*, 2 (3), p. 291-303.

- Berger, M. (2006). *A projeção da deficiência*. Dissertação de Mestrado, Programa de Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.usp.br/item/001017928>>.
- Boneti A. (2012). Tatuagem e laço social. *Opção Lacaniana*, 3(7), p. 1-19.
- Bourdieu, Pierre. (2003). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand.
- Carneiro, R. G. (2017). A cicatriz da cesárea (in) desejada: marca que significa corpos e mulheres na atualidade. *Revista de Ciências Sociais*, 47 (1), p. 121-138.
- Caruchet, W. (1995). *Le tatouage ou le corps sans honte*. Paris: Éditions.
- Carvalho, C. A. (2016). Banalidade do mal em comentários de leitores: internet e disseminação da intolerância. *E-Compós*, 19 (2), p. 1-18.
- Comitê Gestor de Internet no Brasil (2021). *Microdados TIC Domicílios 2021 – Indivíduos*. Recuperado em: < <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2021/individuos/>>, em 02 jun. 2022.
- Correia, F. M. (2021). *Individações Negras Reflexões acerca dos atravessamentos sociais do racismo em território brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Uberlândia, 2021.. Recuperado em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32654?mode=full>>.
- Correia, M. J. (2019). Sobre a Maternidade. *Análise Psicológica*, *Análise Psicológica*, 3 (XVI), p. 365-371.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2014). Corpos ilustrados e enfeitados: tatuagens e marcas corporais. *Rev. brasil. Psicoterpia*, 16 (1), p. 138-150.
- Costa, B. R. L. (2018). Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. *Revista Interdisciplinar De Gestão Social*, 7(1), p. 15-37.
- Dalia Institute. (2018). *Who has the most tattoos? It's not who you'd expect*. Recuperado em: < <https://911weknow.com/who-has-the-most-tattoos-its-not-who-you-d-expect>>.
- Dalla-Dea, P. F. (2022). Sobre Linguagem Religiosa na tatuagem. In. *Linguagem, discursos e religião: diálogos e interfaces*, p. 49-65, São Carlos: Pedro & João Editores.
- Dann, C ; Callaghan, Jane. (2018). Meaning-making in women's tattooed bodies. *Social and Personality Psychology Compass*, 13 (3), 1-8.
- Dougherty, K. D. & Koch J. R. (2019). Religious tattoos at one Christian University. *Virtual Studies*, 34 (4), p. 311-318.
- Eckert, C., & Leitão, D. K. (2004). À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos. *Iluminuras*, 5(10), p. 1-37.
- Eco, H. (2004). *História da beleza*. São Paulo: Editora Record.

Eixo Benguela & Ogilvy Brasil. (2021). *Intolerância religiosa e seus reflexos nas redes sociais*. Recuperado em: < <https://linktr.ee/eixobenguela>>.

Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

Fernandes, N. V. E. (2017). A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. *Revista Calundu*, 1(1), p. 117-136.

Fernandes, P. M. (2022). Racismo e invisibilizações: representatividade negra em anúncios de revistas. *E-compós*, 25, p. 1-32.

Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política da vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma estética da dissidência. *Etinografia*, 11 (2), p. 291-326.

Ferreira, V. S. (2008). *Marcas que demarcam: tatuagem, body piercing e culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal.

Fundação Perseu Abramo. *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

Gelder, K. *Subcultures: Cultural Histories and Social Practice*. Melbourne: Routledge, 1, Melbourne, Australia

Gell, A. (1993). *Wrapping in Images. Tattooing in Polinesia*. Oxford, Clarendon Press.

Ghizoni, T. S. (2016). *Do Porto à Pele: a história da tatuagem profissional no Brasil* [vídeodocumentário]. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190301>>.

Goffman, E. (1993). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Editora Itc.

Gomes, H. M. S. (2018). *Estudo exploratório sobre a construção de uma narrativa identitária corpórea através do corpo muito tatuado*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Gomes, L. F. (2013). *Sentidos e significados da tatuagem para adultos jovens da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2410>>.

Grognard, C. (1992). *Tatouages. Tags à l âme*. Paris: Syros Alternative, Paris, França.

Hambley, W. D. (1925). *History of tattooing and its significance*. London: H.F. & G. Witherby, Londres, Reino Unido.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2012). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.

Kalanj-Mizzi, S. A., Snell, T. L. & Simmonds, J. G. (2019) Motivations for multiple tattoo acquisition: an interpretative phenomenological analysis, *Advances in Mental Health*, 17 (2), p. 196-213.

Krakow, A. (1994). *The total tattoo book*. New York: Time Warner, Nova York, EUA.

Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Mosótiis, Lisboa, Portugal.

Leitão, D. K. (2004). Mudanças e significados da tatuagem contemporânea. *Cadernos IHU Ideias*, 2 (16), p. 1-22.

Leles, I. C. R. F. (2019). *Internalização, Pressão Estética e Estereótipos nas Mídias Digitais: Uma Abordagem Historiográfica (2008 - 2019)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

Lise, M. L. Z., Gauer, G. J. C., & Neto, A.C. (2013). Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 2(3): p. 294–316.

Lise, M. L. Z., Gauer, G. J. C., Neto, A.C, Dias, H. Z. J., & Pickering, L. V. (2010). Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. *An Bras Dermatol.*, 85(5), p. 631-8.

Macedo, S., & Almeida, M. L. (2019). As transformações corporais na adolescência através de tatuagens, piercings e alargadores. *Estilos Da Clinica*, 24(1), p. 134-146.

Magalhães, M, Maropô, L., & Amaral, I. (2018). Ativismo feminista no Facebook: uma análise comparada das páginas Não me Kahlo (Brasil) e Capazes (Portugal), *Mediápolis*, 1 (7), p. 31-46.

Magalhães, M., & Maropô, L. (2016). Investigação em comunicação digital: uma reflexão sobre métodos para a análise de redes sociais. *Revista Comunicado*, 1 (5), p. 86-106.

Manfrin, P. G. O. (2013). *Body art: um aprendizado das artes visuais*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Araxá, MG, Brasil..

Manguinho, J. V. F. (2010). Gênero, corpo e tatuagem. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 9, p. 01-08, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Marques, T. (1997). *O Brasil tatuado e outros mundos*. São Paulo: Rocco.

Mauss, Marcel. (1974). Uma categoria do espírito humano: A noção de pessoa e a noção do eu. In: *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: EPU, 1974.

Meta. (2022). *Meta reports first quarter 2022 results*. Recuperado em: <https://s21.q4cdn.com/399680738/files/doc_financials/2022/q1/Meta-03.31.2022-Exhibit-99.1_Final.pdf> , em 01 de jul. de 2022.

- Mifflin, M. (2013) *Bodys of subversion: a secret history of women and tattoo*. New York: Juno Books, Nova Iorque, EUA.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec.
- Morello, G. S. J.; Sanchez, M.; Moreno, D.; Engelmann, J; & Evangel, Alexis. (2021) Women, Tattoos, and Religion an Exploration into Women's Inner Life, *Religions*, 12 (7), p. 1-15.
- Netto, H. F. (2011). *O corpo como espaço imaginativo: tatuagem, práticas sociais e simbolismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PA, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191058>>.
- Osório, A. (2005). O gênero da tatuagem: pensando masculino e feminino em estúdios no Rio de Janeiro. *Contemporânea*, III, (5), p. 1-11.
- Osório, A. (2006). *O gênero da tatuagem: continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Pedro, F. O. & Aguiar, H. S. (2018). A influência da tatuagem na carreira: um estudo exploratório. *Conhecimento interativo*, 12 (1), p. 55-69.
- Peréz, A. L. (2006). *A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade*. *MANA*, 12 (1), p. 179-206.
- Piloso, M. (1995). *A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média*. Lisboa: Editora Estampa.
- Quadrado, J. C., & Ferreira, E. S. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. *Rev. katálysis*, 23 (03), p. 419-428.
- Radael, W. H., Segate, F. M, Pépece, O. M. C., & Nienkoetter, M. B. (2020). Significados do consumo de tatuagem por diferentes profissões. *Teoria e Prática em Administração*, 11 (1), p. 152-154.
- Ramos, C. M. A. (2001). *Teorias da tatuagem. Corpo tatuado*. Florianópolis: UDESC.
- Revista Super Interessante. (2013). *1º senso da tatuagem no Brasil*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/1o-censo-de-tatuagem-do-brasil-resultados/> . Acesso em: 20 jun. 2021.
- Rinaldi, J. C. *Práticas contemporâneas de tatuagem: Do corpo culturalizado ao corpo capitalizado*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado em: < <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15191>>.
- Rossi, M. (2014). *Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP*. Recuperado em: <<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>> , em 5 jun. 2022.

Rossi, S. M. (2011). *La Piel como Superfície Simbólica: procesos de Transculturación en el Arte Contemporáneo*. Madrid: FCE, Madri, Espanha.

Sabino, C. (2000). *Os marombeiros: construção social de corpo e gênero em academias de musculação*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Sabino, C., & Luz, M. T. (2006). Tatuagem, gênero e lógica da diferença. *Physis, 16* (2), p. 251- 272.

Santos, V. B. R. (2022). *Preto nobre: Ensaio sobre arte e negritude*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/217749>>.

Schiffmacher, H., & Riemschneider, B. (1996). *H. 1000 tattoos*. Colônia: Taschen, Colômbia, Alemanha.

Schlösser, A. (2018) *Tatuagens, representações e práticas sociais*. Tese de doutorado., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191058>>.

Schlösser, A.; Giacomozzi, A. I.; Camargo, B.V.; & Pereira da Silva, E. Z. (2020). Tattooed and Non-Tattooed Women: Motivation, Social Practices and Risk Behavior. *Psico-USF* [online], 25 (1).

Sepúlveda, P. A. (2017). *As mulheres do Bom Pastor: uma análise da tatuagem como expressão da identidade de mulheres privadas de liberdade na cidade de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, Brasil. Recuperado em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21703>>.

Silva, F. C. (2015). *O corpo é meu, e faço com ele o que eu quiser: uma análise dos discursos de autonomia sobre o corpo, feminilidades e noção de embelezamento no uso da "tatuagem feminina"*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/5613>>.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2021). *Cresce o número de adolescentes que recorrem a cirurgias plásticas no país*. Recuperado em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>>, em 02 de jun. de 2022.

Souza, F. L. G. (2018). *A infame arte da tatuagem: transformações e ressignificações da prática em contextos urbanos brasileiros*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, MS, Brasil. Recuperado em: < <https://www.ppghufgd.com/pesquisa/repositorio-de-pesquisas/page/11/?line=3>>.

Swami, A & Furnham, A. (2007). Unattractive, promiscuous and heavy drinkers: Perceptions of women with tattoos Viren. *Body Image, 4*,343-352.

Tattoo2me (2018). *Tatuagem e preconceito: o que saber*. Disponível em: <<https://blog.tattoo2me.com/tatuagem-e-preconceito-db8af978292e>>.

Weimer, Y. C. (2016). *À flor da pele: tatuagem como forma de empoderamento feminino. Trabalho de Conclusão de Curso* (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Cuiabá-MT. Recuperado em:<https://bdm.ufmt.br/bitstream/1/839/1/TCC_2016_Yule%20de%20Campos%20Weimer.pdf>.

Wermuth, M. A. D., Nielsson, J. C., & G. C. Tetruliano (2021). “O brasil ainda é um imenso hospital”: movimentos higienistas e antivacina no brasil – da incipiente república à contemporaneidade. *Revista Acadêmica*, 93 (1), p. 350-370.

Zanello, V. (2020). *Ser ,escolhida e chamar atenção dos homens por que importa tanto*. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=nuNANZ_oJ3U>, em 2 e jun. 2022.